

## FRITZ UTZERI

**Entrevistadora:** Carla Siqueira

**Data da Entrevista:** 29/08/2008

### **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Bom, na verdade eu tenho dois nomes, já começa muito complicado. Quando eu nasci na Alemanha, em 1945, no finzinho da Segunda Guerra Mundial em 10 de janeiro de 1945, numa cidadezinha chamada Timmendorfer Strand, que não chega a ser uma cidade, é quase como se fosse um subúrbio, uma praia de Lübeck e isso fica bem no norte da Alemanha, quase encostada na Dinamarca. Nasceu lá um sujeito chamado Thomas Mann, para dar um ar de importância á cidade. Timmendorfer Strand é um negócio imenso, se escreve com 16 letras e eu sempre ficava - quando era garoto - furioso da vida porque diz local de nascimento e não cabia em lugar nenhum e eu ficava dizendo que nasci em Ubá. Ubá é fácil, não é! Tem Ubá, nasceu em Itu, essas coisas, mas Timmendorfer Strand é complicado! E Fritz Carl Utzeri foi o nome que eu fui registrado lá. Acontece que quando eu vim pro Brasil e depois me naturalizei brasileiro quando eu comecei a trabalhar como jornalista, tinha que ter uma certidão de nascimento, toda complicada porque era um negócio que não tinha pressa. E aí o documento de entrada no Brasil que eu tinha era o passaporte da minha mãe onde o burocrata italiano traduziu meu nome para Federico Carlo Utzeri. Fritz é Federico, Federico em italiano, não tem 'R', que nem [Federico] Fellini, Carlo Utzeri. E eu fiquei então sendo oficialmente sendo Federico Carlo Uzeri, embora todo mundo me chama de Fritz. Na infância e adolescência eu gostava muito disso porque economizava apelido. Ninguém precisava colocar apelido em mim, já era Fritz e ponto final. Então, foi desse jeito, quer dizer, meu nome completo é Fritz Carl Utzeri ou Federico Carlo Utzeri, escolha provisionalmente eu escolhi Fritz Utzeri, é um nome bem complicado, mas tem uma vantagem de ser absolutamente inesquecível se você botou na cabeça. E quando você faz imprensa escrita, as pessoas marcam um nome, gravam as coisas. Em televisão, todo mundo te conhece, mas ninguém sabe direito quem você é, entende, por conta do... A imprensa escrita não, o cara diz: "Ah não, o Fritz Utzeri, e tal..." É difícil de ler pela primeira vez, mas meteu na cabeça, não sai mais.

**Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?**

Bom, aí é uma história mais complicada ainda. Minha mãe se chamava Elza Utzeri. Você deve ter visto que eu tenho o nome da minha mãe e não do meu pai. Isso é uma história imensa. Meu pai era um soldado alemão na Segunda Guerra Mundial. Ele foi às Olimpíadas de Berlim em 1936 para competir nas Olimpíadas. Ele era da Namíbia – aquela África que o Lula diz que era tão limpinha que nem parece África – que tinha sido uma colônia alemã antes da Primeira Guerra Mundial. Hoje ainda tem muitos alemães lá, são alemães fora da Alemanha, são alemães expatriados. E ele gostava de andar de motocicleta e, em 1936, a Olimpíada de Berlim tinha essa modalidade: corrida de motocicleta. Não seria uma olimpíada nazista se não tivesse esse tipo de maluquice, uma corrida de motocicleta e meu “velho” foi competir. Você pode imaginar o que era para um alemão “caipirão” do interior da África chegar em Berlim em 1936? Era mais ou menos como alguém que chegasse em Pequim nessa última Olimpíada. Mas inclusive quem inventou a maior parte dessa cerimônia toda, tocha olímpica e essas coisas todas foi o Carl Diem [secretário geral do Comitê Olímpico Nacional alemão], nessas Olimpíadas em 1936. Ele ficou fascinado: “Que coisa fantástica, eu quero ficar aqui!”. E ele precisava ficar cinco anos pra ganhar em pleno a cidadania. Obviamente a guerra estourou em 1939, deram-lhe a cidadania na hora, meteram ele em um uniforme e como ele era motociclista, você deve ter visto muito nos filmes de guerra aqueles alemães que andam com aquela motocicleta com aquele ‘side-carzinho’ do lado, ele ficava para lá e para cá e esses caras eram meio azarados porque eram os batedores, então, eram os primeiros que ia na frente e os últimos que saiam. Portanto, ele feriu-se quatro vezes e na última um ônibus pegou ele, levou motocicleta e tudo, sumiu. Minha mãe era de origem italiana. Quer dizer, a família toda italiana, mas a minha avó era uma das líderes do Partido Comunista italiano e, quando Mussolini assume o poder, o Mussolini toma o poder na Itália e o pessoal do “Partidão” se manda da Itália e vão para França. E minha mãe era a filha mais velha do primeiro casamento da minha avó e tinha uma relação muito ruim com a mãe dela. Quando teve o segundo casamento ela virou uma espécie de Cinderela. Então, era uma relação conflituada, muito ruim e tal. Estoura a guerra, meu pai está na França, ferido e os soldados alemães, quando saiam do hospital... Na França, a ocupação alemã não foi selvagem, bárbara como foi na Polônia, pois eles consideravam os russos e os poloneses subumanos, os franceses eram meio primos, então, os alemães andavam “pianinhos” na França. E quando o soldado chegava e saía do hospital, mas antes de voltar para o front ainda, eles eram alojados em casa de família. Minha mãe morava na Normandia e meu pai ficou na casa dela. Obviamente minha avó deve

ter detestado, sendo ela comunista e tal, mas o velho era um capiau, era um cara da roça e tal, quer dizer, o soldado normal, comum, que não era da SS (*Schutzstaffel*) nem nada. Era um cara que chegava ali, meio sem jeito, na casa dos outros, aí começa a consertar a porteira, ordenhar vaca, ele sabia fazer essas coisas todas. Calhou que minha mãe se apaixonou por ele, seja porque, possivelmente – eu não o conheci porque ele morreu antes de eu nascer – ele devia ser uma boa pessoa. Uma das coisas que eu acho que ele devia ser uma boa pessoa é porque ele tinha com ele sempre uma vitrolinha portátil onde ele botava uns discos de jazz que ele escutava - e alemão, quer dizer, o nazismo considerava o jazz uma música de negro, decadente... Ele corria perigo em fazer aquilo. Gostava muito de música, essas coisas todas – e além do fato de ele poder ser um bom sujeito, não havia nenhuma agressão maior que minha mãe pudesse fazer à mãe dela que se ligar a um alemão. E ela foi embora. Meu pai volta para guerra e minha mãe pega e vai para Berlim. Não fala uma palavra em alemão e em um ano e pouco ela está trabalhando no departamento de notícias, a agência noticiosa, traduzindo telegramas do italiano para alemão e vice-versa. Ela tinha uma facilidade louca de línguas. Ela durante toda a vida foi secretária, falava seis línguas completamente e tinha uma coragem como se diz no Nordeste de “mamãe onça”. Termina a guerra, meu pai morre. Eles não podiam se casar porque minha mãe não era ariana, era italiana. Tinha que provar que não tinha sangue judeu até a sexta geração, etc. E isso era um problema, você ter que provar essas coisas. Além do mais tinha que provar também que não tinha antecedentes políticos e já era um problema pior ainda porque tinha, não é! Mas os italianos, nesse ponto, eram muito melhores os alemães. Os italianos davam passaporte italiano para judeu fugir, mesmo os fascistas e no caso da minha mãe tem uma certidão de boa conduta que diz que não há nada que a desabone, absolutamente nada, sabe não era intenção de prejudicar ou fazer esse tipo de coisa. Italiano, por exemplo: na Itália, dos trens que saíam com judeus deportados para os campos de extermínio, mais da metade simplesmente os trens desapareceram. Os italianos eram tão habilidosos e usaram as próprias ordens dos alemães para confundir e simplesmente os alemães ficaram loucos porque o trem simplesmente sumia. E eles diziam: “*Ma cazzo*, eu fiz o que você mandou, botei o trem ali, e tal”... Quer dizer era um negócio meio diferente e alemão de jeito nenhum... alemão é aquela coisa. Uma das maneiras... e o Hitler tinha que assinar pessoalmente, depois que prova que não tem judeu, o Hitler tinha que assinar pessoalmente esses contratos de casamento, essas autorizações e uma das maneiras de apressar isso era ter um filho. Aí eu apareço eu. Só que meu pai deu o azar de morrer antes de eu nascer. Em 11 de setembro, para variar – costume dizer que tem três 11 de setembro para mim: a morte do meu pai, a

queda do [Salvador] Allende e [o atentado, em Nova Iorque] das torres aconteceram no dia 11 de Setembro. Meu pai morre e minha mãe se encontra no fim da guerra sozinha comigo, a Europa destruída, rompida com a família, completamente... E aí resolve descer em direção a Itália e vir para América. Mas ela tinha dois países para escolher que era: Estados Unidos ou Paraguai, que eram os dois países da América que davam entrada a refugiados. Ela não escolheria os Estados Unidos porque ela passou o ano de 1943 e 1944 inteiro em Berlim correndo de bomba. Eram 1500 aviões que vinham duas, três vezes por dia jogar bomba e era na população civil mesmo. Então, ela não tinha uma simpatia – embora ela não tivesse a menor simpatia por nazista nem pelo nazismo - mas era obvio que não era para os Estados Unidos que ela ia, porque guardava todo aquele: “Pô, esses caras tentaram me matar duas vezes por dia nos últimos três anos, eu não vou para lá.” E acabou indo pra o Paraguai, que precisava de uma coragem “brabíssima”, a mulher aprendeu espanhol, foi trabalhar como secretária também no Paraguai e conheceu meu padraсто que era um técnico em mecânica e eletrônica, uma porção de coisa. Era mais um inventor e tal, não sei mais o quê... mais um Otelo e casou com ele e vieram para o Brasil, para São Paulo. Cheguei no Brasil possivelmente em 1953, por aí, 1952 ou 1953, eu não tenho muita certeza do ano. Foi em São Paulo, de Asunción para São Paulo. Meu pai abre uma fábrica de perfumes e arranja um sócio que o deixa de cuecas, fica enfurecido e passa o ano de 1956 inteiro viajando a América Latina inteira porque ele queria ir para outro lugar, escolher outro país e no fim chegou à conclusão que era aqui mesmo. Só que aí em 1957 eu me encontro morando no Rio de Janeiro, na Urca, na Avenida Portugal, em frente para o Corcovado, na enseada de Botafogo e acredito que cheguei no paraíso. Vocês não tem idéia – quer dizer, vocês são mais novos do que eu – não têm idéia do que era essa cidade em 1957! Começa que você podia atravessar a Avenida Portugal e mergulhar dentro da enseada de Botafogo, sem o menor problema, já era o primeiro grande... Havia caçozinho dentro da água, o medo que a gente tinha era só esse. Enfim, eu me achei no paraíso e bom, aí ainda tava muito longe da minha história profissional, mas essa é, digamos, a maneira como eu vim parar no Brasil.

**Você fez faculdade de Jornalismo?**

Fiz Medicina, até o sexto ano de Medicina. Sou Dr. Fritz. O único que tem sou eu. Aliás, o que me dava um problema sério, porque no ambulatório – principalmente porque eu fazia psiquiatria – chegava lá o Dr. Ernesto, Dr. Paulo e o Dr. Fritz. Era um loucura, ainda mais que o cara era meio doido. Então, era não porque eu soubesse medicina era pura e simplesmente pelo nome. E eu me formei em 1972 e

foi exatamente o ano que morreu o Zé Arigó [José Pedro de Freitas] e apareceu um diabinho de vermelho: "Você vai ficar rico!" E aí disse: "O que você tem que fazer?" "É simples. Você simplesmente tem que chegar e ir para Congonhas do Campo, alugar a casa do Zé Arigó [José Pedro de Freitas], botar uma plaquinha do lado de fora 'Dr. Fritz Médico' e ter no seu consultório duas coisas: seu diploma, para dizer que você é médico e a sua certidão de nascimento, aquela original, em gótico, com aquela cruz gamada, assinada pelo Hitler e tal, toda em... Mais nazista impossível! Mais alemão, né, Fritz, Dr. Fritz e faz medicina de roça. Em dois anos você vira prefeito da cidade, vai fazer carreira". Acontece que mamãe me criou mal e eu resolvi não fazer isso. E a essa altura eu já tinha desistido de ser médico. Em 1968, quando teve o movimento estudantil... Bom, eu até então não tinha definido o que eu ia fazer da minha vida. Eu, quando cheguei, antes de fazer o vestibular para medicina, um ano antes eu queria ser engenheiro naval. Estudava no São Bento, queria ser engenheiro naval e antes de fazer essa besteira eu resolvi aproveitar umas férias e fazer um estágio em um escritório de engenharia e descobri que eu ia odiar aquilo. Porque a primeira coisa que eu imaginava, que na infância e na adolescência a gente imagina: "Vou fazer navio". Engenheiro naval, o que faz? Constrói navios. Eu ia construir a válvula da "rebimboca da parafuseta" do quinto portão atrás da porta da dispensa onde guarda a carne que já passou do prazo, um negócio assim. Era um saco, uma coisa absolutamente estéril, sem o menor sentido. Não era aquilo que eu estava imaginando. Eu não ia construir um navio. Eu ia ser o cara que ia fazer exatamente isso que eu disse ou alguma coisa parecida. Aí eu disse: "Desisto". E tinha um professor de biologia na minha turma que era muito bom, muito motivador e eu comecei a gostar daquilo. E ele trabalhava em Manguinhos e eu comecei a fazer, então, um estágio lá nas outras férias e gostei: dissecando caramujos, aqueles negócios todos, catando, trabalhando em campo, centrífugas... E gostei desse negócio Fiz vestibular de medicina, passei, só que quando chegou no quarto ano de medicina eu percebi que eu tinha feito uma besteira. Não era o que eu estava imaginando por uma série de razões, quer dizer, eu não me sentia... Não era uma coisa que eu gostasse, assim no ponto de vista... Dava uma certa satisfação, me ensinou um monte de coisa, mas não era a minha profissão. Porém, eu já tava no quarto ano, a essa altura era tarde demais e aí estourou o movimento estudantil de 1968 e eu comecei a fazer imprensa universitária. Fiz o boletim do diretório [acadêmico], que era um "boletimzinho" que a gente fazia e que provavelmente foi o órgão de imprensa de maior repercussão que eu já trabalhei na minha vida porque terminou com o IPM [Inquérito Policial Militar] na Aeronáutica com o [João Paulo] Burnier pedindo 30 anos de cadeia para mim dizendo que eu estava dividindo as Forças Armadas, etc. Estava sendo

processado pela ditadura, mas esse negócio me despertou a... "Eu gosto disso, desse negócio aqui eu gosto." e na época você não precisava de diploma de jornalista para ser jornalista. Eu acho até que isso era uma coisa boa. Eu não sou contra o diploma, nem contra o curso de jornalismo. Eu sou contra é reservar o exercício de jornalismo para um determinado curso, acho que é um erro e até uma coisa que não é sequer constitucional, você dizer quem pode ou quem não pode escrever em jornal. E os jornalistas empobreceram muito, desde então, porque na época que eu entrei em jornal, vocês tinham outros grandes jornalistas, possivelmente vocês vão entrevistar o Israel Tabak, outros jornalistas que... A maioria não era formada em jornalismo, eram pessoas... Até porque não existia, na época era a faculdade de Filosofia que fazia esse curso. Mas eu, por exemplo, vinha formado em medicina e o Israel [Israel Tabak] era advogado. Então, havia uma série de culturas dentro do jornal e isso enriquecia muito a redação, porque você tinha um cara que entendia disso, outro entendia aquilo, etc. E hoje não, hoje é uma massa morta que devido, inclusive, a piora do nível de ensino em geral, não entende nada. Eu tenho estagiários que eu chego assim e digo: "Bom, o [primeiro-ministro italiano, Silvio] Berlusconi..." E o cara olha para mim com a cara que diz: "Quem é Berlusconi?" E eu digo: "Não, é o centro-avante da seleção italiana", porque eu não vou perder meu tempo e nem paciência porque o cara que faz jornalismo e não lê jornal e não sabe das notícias que estão acontecendo, não consigo entender como é que vai nessa profissão. Na época, os jornalistas recrutavam fazendo cursos. O *Jornal do Brasil* fazia um curso anual em que mais ou menos se inscrevia umas 40 pessoas para selecionar uns cinco ou seis para serem estagiários. Quem coordenava o curso, na época era o Fernando Gabeira, que era editor da pesquisa. Eu tenho certeza até hoje que eu fui convocado ou recrutado ou escolhido dentro do *Jornal do Brasil* já pensando no seqüestro do embaixador americano [em 1969]. Porque a prova de seleção do *JB* [Jornal do Brasil] era uma "esquerdalha" pura, era toda assim: "A Rússia tinha invadido a Tchecoslováquia, a União Soviética tinha invadido... – metiam o pau na União Soviética que invadiu a Tchecoslováquia – e cinema novo brasileiro, reforma agrária e não sei mais o quê, etc." E eu me senti inteiramente à vontade nisso tudo e ao mesmo tempo fiz todas as provas necessárias, com entrevista, esse tipo de coisa, quando chegou no final, o fato de eu ser inclusive na época ainda estudante de medicina pesava porque o jornal precisava inclusive de alguém que entendesse dessa área. Eu entrei, fui um dos escolhidos, isso em 1968, pouco antes do AI-5. Eu entro para o *Jornal do Brasil*, que é um momento que do ponto de vista profissional que seria péssimo porque pouco antes do AI-5 significa pouco antes da censura, pouco antes de uma série de coisas, mas por outro lado foi um momento profissionalmente eu diria

abençoado, porque ao contrário de hoje, dos interesses... tem uma propaganda da [revista] *Época* que diz assim: antigamente você olhava – tem a cara do Hitler e do Gandhi – e você via logo quem era o bom e quem era ruim, ou quem era o bandido e quem era o mocinho – e tinha a bandeira do pirata e a caveira do BOPE [Batalhão de Operações Policiais Especiais]. Hoje é mais complicado e de fato, na época, havia um sentimento geral na imprensa de que a gente tinha que lutar contra aquilo. Então, de patrões até e jornalistas, havia uma união em torno, um consenso em torno disso. Eu, por exemplo, era ainda estagiário e era estrangeiro, de repente, quando resolvem me efetivar. Se não sou brasileiro, não posso ser jornalista e tem mais, nesse momento estava sendo processado pela justiça militar no IPM [Inquérito Policial Militar], ou seja, o jornal me contratando estava arranjando um problema. E era um estagiário, não era nada, reles “cocô do cavalo do bandido”. O que acontece? O jornal, além de me oferecer todas as possibilidades, me diz: “Oh, o que você precisar está na mão”. – “Não quero envolver o jornal nisso, não teve nada a ver com o jornal, eu tenho advogado, vou me defender, eu só quero uma coisa: se eu for preso que ponham no jornal porque eu não quero desaparecer, só isso”. Mas o jornal pôs um advogado para me naturalizar rápido e eu fui naturalizado por um decreto especial assinado pelos três patetas ao mesmo tempo que eu estava sendo processado pela justiça militar e os “milicos” não entenderam nada. A cuca deles derreteu. Porque as pessoas me diziam: “Pô, mas o fato de você ser estrangeiro, você não pode ser preso, você não pode isso...” E eu falei: “Gente, o problema é o seguinte: eu não sou estrangeiro. Eu vivo aqui desde que eu sou criança, eu sou brasileiro e me meto na política, falo essas coisas e me reconheço com mais direito de ser brasileiro do que qualquer cara que nasceu aqui por acidente. Então, se eu for preso, eu vou preso, mas se eu sair daqui, eu não tenho raiz alguma. Então, não me interessa isso. Eu quero...” Não sei, deve ter pesado ao meu favor de alguma forma porque no fim nós acabamos absolvidos. Mas custou, levou no primeiro processo o promotor pediu absolvição e o conselho de sentença reuniu durante nove horas e estavam condenando até faxineira que passava na porta... Mas o juiz militar era decente e melou o processo e acabou tudo bem, porque nenhum de nós, a não ser o presidente do diretório, que vinha a ser o João Lopes Salgado – hoje ele é pecuarista em Tocantins, uma bela pessoa – mas na época ele era apenas o braço direito do Lamarca [Carlos Lamarca], só que nenhum de nós sabia disso. Agora você imagina que boa companhia que você tinha, não é? Por que nenhum de nós tinha caído na clandestinidade, embora a gente andasse por perto. Eu mesmo cheguei a flertar com alguns movimentos, minha mulher Liège – que desde então a gente é casado – ela flertou também, mas nós chegamos à conclusão que não era

esse o caminho e não aderimos a nada, a esse tipo de coisa. Mas, enfim, eu passei algum tempo chegando em casa às 3 horas da manhã, olhando para ver se não tinha ninguém, se os homens não estavam aí e tal, mas enfim. Estava no jornal, então de repente eu estava no *Jornal do Brasil*, começando a trabalhar nessa área de saúde e medicina. Com o tempo, essa era uma das poucas áreas que a censura não tinha muito o que dizer e era uma área em que a gente podia – quer dizer, eu fazia muito isso – denunciar condição social ruim em função da condição social da saúde: esquistossomose, doença de chagas, desnutrição e diarreia matando as crianças e tal. A tal ponto que, inclusive em programas políticos, usavam muito material da gente: “Saiu no *Jornal do Brasil*, isso e tal...” E o editor chegou e até me disse: “Olha, você está militando pelo PMDB?” - Pelo MDB [Movimento Democrático Brasileiro] na época. E eu falei: “Não, de jeito nenhum, mas a gente está denunciando, usando aquilo que...”. A censura bateu na gente quando veio a epidemia da meningite. Aí foi brabo. Para você ter uma idéia dos absurdos da censura, era proibido dizer no Rio de Janeiro que a temperatura chegava a 40 graus. Ela invariavelmente vinha a 39,8º e 39,9º, mas não passava e jamais chegava a 40º, porque no dizer dos militares isso desestimulava as pessoas a trabalharem. E as notas da censura vinham em papezinhos, assim brancos, sem nenhuma coisa: “Por ordem da censura, é proibido falar de um tiroteio na rua tal...”. A gente muitas vezes, nem sabia que tinha tido tiroteio na rua tal. O que a gente fazia nesses casos era mandar um repórter pro local, ele ia lá e apurava a matéria e guardava-se para futura publicação e o jornal de fato publicou tudo. O *Estadão* [jornal O Estado de São Paulo] e a [revista] *Veja* foram censurados, mas no *JB* [Jornal do Brasil] a censura ficou no dia do AI-5, em que o jornal – eu já estava lá – fez uma página, uma edição histórica, aquele negócio: “Hoje é dia dos cegos. Tempo negro. O ar está irrespirável. Temperatura máxima: 60 graus no Rio, 0 graus em Brasília.” O jornal denunciando o negócio, o [presidente] Costa e Silva assim apoiado em umas espadas: o governo baixa o AI-5 e tal... E no dia seguinte o jornal não saiu. Foi apreendido, não saiu e nós ficamos... o jornal ficou um ano sem editorial e um mês mais ou menos com os censores dentro da redação, depois saíram. No Rio nenhum jornal foi... só o *JB* passou por isso. Em São Paulo é que a censura foi mais braba, que ficou no *Estadão* e que começaram a publicar os poemas de Camões n’*O Estado [de São Paulo]* e as receitas de cozinha e o engraçado é que o leitor era tão desligado, que certos leitores davam parabéns ao *Estado* pela divulgação da poesia portuguesa e as receitas de cozinha eram simplesmente inventadas na redação. Então, tinha umas donas de casa que resolviam fazer e deve ter provocado verdadeiras hecatombes culinárias e reclamavam dizendo que aquilo era pura sacanagem. Bom, aí eu comecei a

trabalhar nessa área de saúde e a gente tinha... o jornal era dividido por setores de interesse, a redação era geral e a gente chamava de PDAMI, era o nome de um dos grupos, que era mais publicado, que era "Política Diplomacia Militares e Igreja" – então, era PDAMI. O nosso era o SAC – saúde e comportamento. Mas com o advento da meningite, da epidemia de meningite a censura baixou firme, não podia mais dizer quantos casos tinha, não podia mais matéria de meningite. Eu inclusive apareci uma vez na *TV Globo* – mesmo porque eu tava junto da equipe da *Globo* – e o ministro, que me odiava, o ministro da Saúde, ele disse aos berros: "Isto daqui não é o ministério da meningite!". E eu olhei pra ele e disse: "Desculpe, ministro, eu achei que estivesse no Ministério da Saúde, eu me enganei e tal..." Era uma coisa! E o bom desse negócio é que tem uma coisa que eu aprendi profissionalmente logo no começo em que eu ainda era estagiário: era ser desconfiado. Acho que o jornalista tem que tomar muito cuidado e ser muito desconfiado e tem um episódio que eu gosto muito de contar sempre: o jornal ainda era na [avenida] Rio Branco – na velha Rio Branco – na velha sede do *JB* [Jornal do Brasil], e o Ministério da Saúde funcionava ali no Clube de Engenharia, que é do lado, no mesmo quarteirão, na esquina da [rua] Sete de Setembro, o *JB* ficava no meio, na mesma calçada. Aí disse: "Oh, chegou aí em pauta uma febre negra de Lábria – acho que chamava um troço assim – um mosquito, uma doença que mata todo mundo, tá lá no Acre". E a primeira pergunta do pauteiro é: "Quando vai chegar no Rio de Janeiro? Se vai chegar ao Rio, quando vai chegar no Rio?" Obviamente todos os pauteiros de todos os jornais tinham a mesma pergunta, a mesma coisa. Aí a gente vai para o Ministério da Saúde, chega lá, atende o assessor de imprensa na época e diz: "Não, mas isso não tem o menor problema. Esse mosquito não tem aqui, não existe aqui." Eu viro para ele e digo: "Olha você sabe qual é o mosquito? O mosquito é o *aedis*, o *anopheles* ou é o *culex*?". Aí foi um branco geral, né? Ele ficou um papel, lívido. E o resto, se depois que eu dissesse '*culex*', saísse fumaça e aparecesse um diabinho ninguém ia estranhar, como se dissesse abracadabra '*culex*'. E aí foi aquele silêncio, um constrangimento brutal e o cara disse: "Pô, num sei e tal, então chama alguém..." Aí ficou uma situação, uma saia justa danada e no fim realmente existia o mosquito e quando a gente tava saindo, um coleguinha vira pra mim e diz: "Ah, você também, P... , é medico, está estudando medicina!" Eu falei: "Tudo bem que eu estou estudando medicina, mas eu não me lembro de ter ouvido ninguém perguntar o nome do mosquito. Vocês já estavam aceitando o argumento de autoridade do homem." Eu estou dizendo sempre: pergunte, não importa se você sabe ou não sabe. Pergunte: qual o nome do mosquito? Que mosquito é? Porque depois se você chegar no jornal, se você for um bom jornalista, deve ter um

mosquitólogo de plantão qualquer que você pergunta a ele: “Escuta, é verdade, isso é assim mesmo?” Então, a desconfiança, eu acho que é a primeira coisa que eu aprendi em jornal e quanto mais alta a autoridade, mais eu desconfio. Eu costumo sempre comparar o Papa com o pipoqueiro: o pipoqueiro quer me vender um saco de pipoca, o Papa me vende umas coisas que eu não sei nem se existe. Portanto, é lógico o interesse dele em me enrolar é maior. Então, políticos, etc e tal. E isso eu sinto que hoje tem muito pouco na imprensa, essa desconfiança. Há em muitos setores quase que um fascínio pelo poder: “Fulano disse...” e se reproduz o que o cara falou e ponto final. Mas eu não tava satisfeito com isso e se eu não queria ser médico... Não sei como eu trabalhava de tarde, chegava depois da faculdade e ficava até meia noite ou uma hora, ficava de plantão no jornal em boa parte do dia. De uma forma ou de outra, eu terminei [a faculdade] porque mamãe possivelmente não ia entender o investimento que ela fez em educação, pois literalmente ela tirou o pão da boca dela para me formar e eu largar uma carreira de médico para ser jornalista. Então, com o canudinho, eu disse: “Tá aqui mamãe, seu filho é doutor!” Quando eu me formei eu já tinha decidido, eu já estava trabalhando como jornalista e eu resolvi ser jornalista. Não me arrependo disso porque eu tive sorte, uma carreira que eu praticamente fiz tudo o que é possível fazer, tudo o que se pode tirar eu consegui fazer. Tudo não, mas pelo menos uma boa parte. Mas eu não tava satisfeito, pois eu achava que, para não ser médico, eu não ia ser jornalista-médico, não ia escrever sobre medicina ou escrever sobre saúde. Até porque sempre tinha esse negócio: “Ah, mas ele é médico!” Embora eu jamais tenha usado – eu não tirei o CRM [Conselho Regional de Medicina] – e jamais usei da condição de médico para fazer matéria, ou seja, se eu entrava no hospital eu entrava como jornalista, o que o conhecimento médico me dava era poder avaliar algumas coisas que eu estava vendo. Mas eu acho que o jornalista quando aparece tem que se dizer que é e quem é. Ou fico quieto e se ninguém me perceber tudo muito bem, mas se alguém me perguntar, não posso me fazer passar por outra pessoa, sempre: “Não, sou do *Jornal do Brasil*, tal...” e isso já me deu até alguns problemas, um deles foi no Riocentro, depois eu posso contar. Eu não estava satisfeito e resolvi sair disso, e a minha chance por incrível que pareça aconteceu. Bom, quando eu entrei no jornal, quem estava no jornal era o Alberto Dines, o [Carlos] Lemos, o Zé Silveira. Toda a gente de primeiríssimo time, uma escola de gente que sabe absolutamente tudo o que é possível saber em termos de jornal, de jornalismo até hoje, não é. O Dines continua ativo, você já deve ter ouvido ele no Observatório da Imprensa, o trabalho que ele faz lá. O Silveira e o Lemos já estão aposentados. Silveira está velhinho, também o Silveira é uma flor de pessoa, sabe tudo. O meu chefe de reportagem já falecido era o Aluizio Flores, um gaúcho

também gente muito boa. E era uma redação que só tinha fera... Era um negócio... você tinha Lago Burnett [José Carlos Lago Burnett] do copy, era um jornal que você tinha aquele do Campello que está agora editando "A história da Literatura Ocidental do [Otto Maria] Carpeaux". Era uma coisa louca! Quando você entrava no jornal, só tinha... ficava olhando aquele negócio... "Pô, um dia eu ainda vou ser que nem essa turma..." E era um ambiente também muito bom... Havia uma competição dentro do *Jornal do Brasil*, mas era uma competição boa, não era assim, um botando o pé pra derrubar o outro. Era realmente um troço para procurar o melhor *lead*, buscava-se a excelência. E era um ambiente muito maluco também. O ambiente do jornal antigamente, inclusive quando ainda não tinha computador, - hoje eu entro e até estranho o silêncio - mas na época era um barulho, uma bagunça, um negócio... Para você ter uma idéia do clima desse jornal, eu ainda era estagiário e aconteceu comigo um episódio que normalmente me faria - quer dizer, foi... Para quem fala mal, digamos assim, do serviço telefônico do Estado antes da privatização, tinha de ter pego o serviço telefônico privado antes da estatização. A Companhia Telefônica Brasileira [foi criada] nos anos 60 e até os anos 60, você ficava horas na linha, esperando uma linha no telefone. O [Aluizio] Flores era o chefe e mandou eu apurar uma matéria pelo telefone. Eu disse: "Pelo amor de deus, eu vou lá." - "Não, não, apura pelo telefone." Duas horas da tarde, eu me sento à mesa e pego o telefone, tinha a telefonista do jornal, se chamava Joice e eu digo: "Joice, uma linha." - "Linha não tem." Duas e dez: "Joice, uma linha." - "Linha não tem." Duas e vinte: "Linha não tem." Três: "Linha não tem." Quatro horas: "Joice, uma linha." - "Linha não tem." E eu lá criando raízes, teia de aranha e tudo. Cinco: "Joice, uma linha." - "Linha não tem." Cinco e meia: "Joice, uma linha por favor! Pelo amor de Deus Joice!" - "Linha não tem." Seis horas: "Joice, uma linha." - "Tuuu" [sinal de linha] E eu disco o telefone: "Alô, quero falar por favor com 'Seu Fulano de Tal'." - "Sim um momento que eu vou chamá-lo" - "Tu-tu-tu-tu". [sinal de linha perdida] - "Joice, uma linha." - "Linha não tem." E quando ela disse esse "linha não tem", eu: "P... que pariu!" - "Linha não tem", eu peguei o telefone, arranquei da parede e joguei o telefone na parede. Era aquele telefone de baquelite e sobrou telefone pra tudo quanto é lado e eu fui embora. Eu era estagiário, mas fui embora. Quando eu chego na [Avenida] Rio Branco, caiu a ficha: "O que você fez cara? Acabou sua carreira, encerrou-se aqui." Eu disse: "Bem, o que eu faço? Volto, não volto, não, vou pra casa, acabou, vou pra casa." Cheguei em casa, esperando um telefonema e nada. No dia seguinte, não aconteceu nada, eu voltei para o jornal e disse: "Tudo bem, agora é encarar a triste realidade. Quando chegar lá, vão me dizer: Ó, apanhe o que você tem que apanhar e tchau e passe bem." Eu entro, vejo um telefone no mesmo

lugar, branco, diferente, mas branco, de baquelite também. Aquele telefone lá e o Flores me diz: "Vem cá." E eu: "Ih, pronto, acabou." Teve vários momentos desses na vida. Aí eu encosto, chego lá e digo: "Tá bom Flores, o que é?" "Pega um taxi. Pega um taxi e vai não sei aonde e tal, etc..." e não diz me nada. Falei: "Pô, não é possível!" Fui, apurei a matéria e voltei. "Não é possível que esse cara vai esperar eu bater a matéria hoje. Vingança, pô, sacanagem". Não, entreguei a matéria e ele disse que estava ótimo e tal. E eu: "Pô, per aí." Aí fui e perguntei, deve ter sido pro Tarcisio Baltar, um dos repórteres lá: "Pô, o que aconteceu aqui? Por que..." E ele: "Cara, faz dez anos nesse jornal que todo mundo tinha vontade de fazer o que você fez ontem. Então, você não imagina a satisfação que foi aqui dentro quando você destruiu esse telefone. Pior foi depois, o Flores chamar o cara da manutenção e inventar uma história para explicar como aquele telefone tinha sido reduzido àquela situação. Bom, não vai acostumando, mas olha, dessa vez..." A vantagem que teve é que eu fiquei com fama de maluco, o que tinha uma certa vantagem, ou seja, em certos momentos, você era deixado em paz, o que é bom. Isso foi pra mostrar como era o ambiente de um jornal que era completamente diferente de qualquer outra coisa que a gente pudesse imaginar. Teve outras coisas que confirmam esse tipo de coisa. E eu acabei saindo da área de saúde, formei umas pessoas lá, volta e meia, não me livrava nunca disso, nem disso nem de consultas. Todos os hipocondríacos sentavam do meu lado e começavam: "Ai, dói aqui, dói ali" – o que dava motivo até a fazer algumas brincadeiras com alguns mais hipocondríacos, ficar ouvindo sintomas e inventar uma doença, botar na pauta do jornal e mandar o cara cobrir. O cara ficava doido: "Eu tenho esse troço!" Então, como eu é que vou dizer, a vantagem de ser hipocondríaco é inclusive é que o cara que tomava conta da caixinha era hipocondríaco e eu vivia dando consulta para ele. Ele era um "judeuzão" que absolutamente segurava o dinheiro da redação, mas comigo, como eu dava consulta a ele, ele liberava qualquer coisa. E eu passei a fazer outras coisas, inclusive a viajar para o exterior, como eu falava línguas, eu tinha a possibilidade de fazer viagens e tudo. E aos pouquinhos eu comecei a cair numa área que era a área que eu queria mesmo, que era a área Direitos Humanos, um pouco de barra pesada dessas coisas, o que foi digamos, talvez o momento mais interessante e mais intenso que eu tenha vivido dentro do jornal. Eu cobri alguns casos, quer dizer, como o caso, por exemplo, do desaparecimento do ex-deputado Rubens Paiva. Não quando ele desapareceu, mas alguns anos depois, eles mandaram a gente levantar o que tinha acontecido com ele, a gente no caso eu e Heraldo Dias que já é falecido, que era meu parceiro nessas matérias, porque são matérias que eram do jornalismo investigativo e nelas você tem que trabalhar sempre em dupla, não tem como. Foi por exemplo o grande erro do caso do Tim

Lopes, você mandar um repórter para um troço desses, sozinho, sem cobertura, sem ponto, sem nada, a *TV Globo* calou-se durante 24 horas e isso matou o repórter. Se tivesse botado a boca no mundo ou se tivesse um outro repórter lá vigiando e prestando atenção, possivelmente, eu não digo que teria salvo a vida dele, mas certamente o ficar calado o matou. Então, o caso do Rubens Paiva, ou quando aconteceu o caso do Riocentro e outros casos como Para-Sar [para-quedista operacional em salvamento e resgate da Força Aérea] do capitão Sérgio, o caso do brigadeiro Gourmet, quando ele foi reaberto e o Sérgio acabou se tornando um grande amigo meu e participante de muitas matérias de forma extra-oficial, pois ele não era jornalista, mas era doido para... Por exemplo, no caso do Riocentro, na apuração do *Jornal do Brasil* ele teve uma importância fundamental. A começar já no primeiro dia. Por exemplo, no caso do Riocentro, quando explode o [carro] Puma com o Capitão Wilson e o Sargento Guilherme. Eu tava em casa e não soube de nada, só no dia seguinte, eu soube quando peguei o jornal. Mas eu morava perto, morava no Novo Leblon naquela ocasião. Fiquei: "Pô, por que não me avisaram?" Mas no dia seguinte, era um sábado, eu tava de plantão e um amigo meu, um outro amigo meu, um colega nosso o Fleury, Sérgio Fleury, ele estava de folga e foi à praia na Barra e passou diante da delegacia da Barra e viu o Puma em um terreno baldio em frente. Tiraram lá do Rio Centro e jogaram ele ali. Aí telefonou para o jornal, eu atendi o telefone e o Heraldo [Heraldo Dias] que estava chefiando o plantão, eu disse: "Eu pego." Peguei um fotógrafo e fui para o local e ficamos... o fotógrafo deve ter feito uns quatro ou cinco rolos de filme no carro... tudo, tudo, dava para ver que a marcha ré estava engrenada, dava para ver a hora que explodiu porque relógio estava parado, as coisas que estavam dentro do carro, a coluna da cabine do lado do carona que tinha quebrado com o impacto da explosão, os bancos queimados, aquela coisa toda e pela postura, quer dizer, pelo que estavam dizendo que o capitão tinha se ferido aqui no abdômen. Ele tinha entrado e explodiu no colo do sargento, o capitão estava assim, que é a posição que você tem quando vai dar ré no carro, olhando para trás e a bomba quando estourou pegou aqui nele. Essas conclusões todas, o carro... Eu pego aquelas fotos e mando revelar as fotos, vou para casa do Sérgio Macaco, do Para-Sar e ele, como entendia de explosivos, é um sujeito que participou de guerra na selva, abertura de coisas... Eu disse: "O que aconteceu aqui?" Aí ele me dá toda a mecânica da coisa, a mecânica da explosão e conclui-se ali que a bomba explodiu foi no colo do sargento. No dia seguinte, com 24 horas depois do atentado, o *JB* [Jornal do Brasil] já dá aquilo que ia ser concluído meses depois que a bomba explodiu no colo do sargento, quando o capitão estava dando uma ré, o carro aqui... E tinha uma página, duas páginas gráficas mostrando todas as fotos do Puma, etc... Explicando

o impacto da bomba, a força da explosão levantou isso aqui, quebrou aqui, fez isso, etc, etc... Tinha todo o mecanismo da coisa. Aí nós começamos a cobrir isso e cobrimos durante todo tempo esse caso do Riocentro. O Rubens Paiva foi antes.

**Vamos explorar mais o Riocentro, Fritz. Porque, ao mesmo tempo que vocês estão descobrindo essas coisas, vocês tem que lidar contra uma versão...**

Contra uma versão, não. Não tem ainda versão ainda, o Exército na época abre o IPM [Inquérito Policial Militar] e encarrega o coronel Prado [Luiz Antonio do Prado Ribeiro] de desmontar esse IPM, de apurar esse IPM. O coronel Prado, como uma boa parte, digamos assim, das pessoas que... Dos militares, não gostou do que viu. Sabia que isso foi sacanagem de "milico" e o Exército não pode incorporar, não pode engolir essa. A disposição dele era apurar tudo até o fim. Só que, por uma razão que até hoje eu não sei direito, quer dizer, até acho que eu sei, mas não tenho como provar, o Estado de Regimento Militar resolveu comprar a versão, ou seja, do atentado terrorista, da VPR [Vanguarda Popular Revolucionária], o que estava pichado em todas as placas, que colocaram a bomba entre o... depois isso é outra coisa que a gente desmoraliza, mas que a bomba foi colocada mesmo por terroristas, que o sargento olhou e disse: "O que que é isso? Meu Deus! Explodiu no colo dele, etc..." Acontece que não casava. Quer dizer, ele continuou, aliás, desculpa... Esse coronel estava a fim de apurar esse negócio todo e começou a sofrer pressões do Exército para manear, para inventar uma história e ele não quis. Só que ele tinha um parente, uma filha que tinha tido problemas emocionais com drogas e coisas desse gênero e começaram a ameaçar e fazer chantagem com ele com isso. Ele ficou absolutamente enojado, saiu do Exército e desistiu do IPM. E a gente, uma semana antes, conversou com ele e sentiu que isso ia acontecer e publicou no *Jornal do Brasil* que se o coronel Prado desistisse do IPM, o IPM seria uma farsa, ia virar uma farsa. Quando ele desiste, assumiu o Coronel Job Lorena de Santana que criou aquela... Uma obra de ficção científica fantástica dizendo inclusive que os terroristas botaram a bomba entre a porta do carro e o banco e o sargento quando entrou, entrou, viu aquele negócio e quando foi puxar, estourou. E faz o seguinte ainda: projeta um fac-símile do artefato que era uma bolsa [da marca] Samsonite, uma lata de [óleo] Havoline, um detonador, etc., tinha uma trena embaixo da bolsa. Aí pegou e disse: "Vamos fazer o seguinte, vamos construir este artefato". Eu fui, peguei a foto, fui numa... por que... primeiro eu disse: "Não pode usar flash." Estava pensando nos fotógrafos que usavam filme de alta sensibilidade, então, o slide do Exército foi perfeitamente reproduzido. Então, a gente... Corta-se aquele slide, fomos num revendedor da Samsonite e pergunta:

“Que bolsa é essa?” –“Ah, essa daqui é essa.” E o cara me dá a bolsa. Aí eu vou numa loja de ferragens e compro uma trena. Vou numa loja, em São Cristovão, vou numa loja de óleo de carro, pego uma lata de havoline daquelas de dois litros e meio, mando o cara cortar onde estava cortado aquela e o detonador você monta com umas coisas que parecem um detonador, etc. Abri a bolsa, botamos a trena em baixo, fotografou de cima e era exatamente o mesmo objeto que estava mostrado na tela pelo coronel. Eu disse: “Agora vamos procurar um Puma.” E tinha um revendedor do Puma perto do jornal, inclusive porque o [Manuel Francisco do Nascimento] Brito – o dono do jornal, o Britão – ele tinha um Puma. Conseguimos um Puma do mesmo ano, da mesma série, mesmo coisa que o Puma do capitão Wilson [Dias Machado] e não cabia. Absolutamente impossível, a porta simplesmente ficava assim aberta, a trena tudo mostrando, o objeto colocado do lado da porta, a porta do carro não fechava e, obviamente, bomba não é um negócio que você vai fechar assim: “Fecha agora!” não pode. Simplesmente, o objeto não podia estar ali onde eles diziam que estava, tinha um diagrama com os militares mostrando e a gente fez novamente uma página gráfica dizendo que aquela história estava mal contada, é mentira, não é possível, porque o Puma está aqui. A gente mostrava a coisa concreta mesmo, não era desenho não, era “tá aqui, ó!” e até fazia toda a coisa. A única medida que eles dão é essa, mas existe outra medida que é conhecida porque é a medida da lata de Havoline, não tem como variar esse tipo de negócio. Conhecida as duas medidas, a terceira... sabe, se você conhece duas a terceira é perfeitamente possível, porque eles davam volume. Vai dizer: “O volume é tanto.” –“Não, meu filho, para fazer o volume, é uma mais outra mais outra.” Ora, se você me dá duas, a terceira pode variar até o infinito, mas não vai porque é uma bolsa, a bolsa só tem um tipo. Ela não pode ser 10 metros de altura para ser fininha”. Então, ele ficou inteiramente desmoralizado, inclusive o Ziraldo fez uma charge quando o jornal contou dizendo aquele troço, o jornal dizendo que devia colocar uma pedra em cima desse assunto, etc... E no final do episódio o *JB [Jornal do Brasil]* ganhou o prêmio ESSO de jornalismo, que era o maior da edição e éramos nós e o *Estado de São Paulo* que disputávamos. O Antero Luiz que era o outro repórter do *Estado [de São Paulo]*, o Antero tinha mais ligações no meio da polícia e nós tínhamos mais ligações no meio militar. Então, a gente vivia se furando. Um dia eles furavam a gente e no outro dia a gente furava eles e assim era uma disputa entre o *Estadão* e o *JB*. E nós ganhamos o prêmio ESSO de jornalismo e o *Estadão* ganhou o prêmio ESSO de reportagem sobre o Riocentro, sobre esse caso do Riocentro. E foi tão curioso que anos depois eu voltei ao caso, mas isso eu vou contar depois, na *TV Globo*, quando eu estava na *TV*

*Globo*, com o Caco Barcellos, nós fizemos o “Riocentro 15 anos depois” que reabriu o processo e... Bom, mas isso acho que ainda é prematuro.

**Essa cobertura do Riocentro certamente enfrentou várias dificuldades...  
Vocês não sofreram ameaças e não teve censura? O que aconteceu?**

No caso do Riocentro já não tinha tanta, quer dizer, tinha, por exemplo, quando a gente tava fazendo essa matéria do Puma. Nesse dia, eu estava com o Samuca [Samuel Wainer Filho], o filho do Samuel Wainer que morreu depois tragicamente numa equipe da *TV Globo*, numa matéria. O Samuca estava comigo e o Samuca chega branco assim: “Tem um Passat lá fora com um cara cheio de armas...” Mas a gente era meio assim, inclusive desde o tempo já do Rubens Paiva, que aí era mais barra pesada, – depois eu vou contar para vocês ameaças que a gente pode sofrer. Mas aí eu cheguei na porta e disse: “O que está acontecendo aí?” – a gente era meio maluco, não é – e os caras foram embora. Nesse caso, eu sabia que os nossos telefones estavam censurados, mas não tinha muito o que fazer. Era menos perigoso, eu diria, do que você lidar com traficantes hoje, porque bem ou mal o Exército é uma instituição, não dá pra... Quer dizer... Hoje em dia chega, até a ser perigoso se você morar no Morro da Providência, te jogam no meio dos traficantes, mas na época a gente era ameaçado, a gente sabia que existia toda uma... Mas nesse caso específico do Rio Centro, não houve ameaça direta. Houve no caso do Rubens Paiva, antes do caso do Riocentro. Por que já era o governo Figueiredo, o AI-5 já não valia... Quer dizer, toda a imprensa estava em cima disso. Nós, por exemplo, estávamos melhor, mas não era uma coisa que fosse só nossa ou um troço que pudesse representar uma ameaça nesse sentido. Então, nesse caso do Riocentro não houve, em momento algum, alguém disse para mim não faça isso, não faça aquilo... Eu sabia em várias ocasiões que a gente era seguido porque eu marcava com o Heraldo alguns encontros e via sempre as mesmas pessoas, entende. Mas no caso do Rubens Paiva é melhor ainda do que esse, mas no Riocentro ameaça nem a mim, nem a ninguém que cobriu, houve. Houve esse episódio do Samuca: não sei, eu cheguei, o Passat saiu e foi embora. No sei o que era, não sei se era polícia, se era coincidência, se não era coincidência, mas o fato é que o caso estava inteiramente desmoralizado. O Exército não se sentia a vontade, havia setores em que o pessoal estava puto da vida, então, ninguém tinha muita segurança para fazer besteira ali. Antes, no meio até, aconteceu um fenômeno... Um episódio curioso – que eu conto só pela curiosidade dele – em que no meio da apuração do caso do Riocentro. O camarada, bom... Aliás, vamos para o começo. No começo, no dia seguinte logo ao atentado, eu consigo entrar no velório do sargento. Só que me esqueci de combinar com o fotógrafo que ele não

tinha que vir comigo. Embora eu tenha essa cara que não é nada parecida com ninguém que trabalha no DOI-Codi, etc. ou de político exclusivo, mas por alguma razão passei despercebido, fiquei quieto e estou ouvindo a conversa. Aí aparece o fotógrafo... Quando o fotógrafo aparece, todo mundo olha para mim porque o fotógrafo chega e diz: "Fritz". Bem, aí saí e o que a gente faz? Ele morava acho que em Cordovil, alguma coisa assim, eu não tenho essa certeza, mas era um desses conjuntos residenciais de pequena classe média. Aí a gente reuniu os garotos e não tem fonte melhor que as crianças, pois criança sabe tudo. Disse: "Ih, o sargento, ih! Ele tinha uma queimadura que ia daqui até aqui e tal, ouvi dizer que explodiu um fogão". E assim vamos nós, colhendo informações deles. Depois eu soube que ele era o maior perito em explosivos da brigada pára-quedista, tinha aprendido com um cara chamado Santurião que é uma lenda nessa área e o Sérgio me disse: "Besteira, esse pessoal só faz isso em duas fases da vida: quando está muito verde, em que está nervoso, ou quando já está muito autoconfiante. Já fez isso duzentas vezes e acaba fazendo besteira". Então, a besteira dele se deveu ao fato que eu vou contar agora que é... na operação quando o capitão Wilson tinha operado, ninguém falava com o cirurgião. O cirurgião não queria falar com ninguém, mas aí, mais uma vez a vantagem, a velha vantagem da medicina, o cirurgião que o operou, que era o Gazolla, tinha sido meu contemporâneo de faculdade. Eu cheguei á e disse: "Você vai falar comigo, não vai?" – "Me dá um qualquer aí." E ele disse: "Ó, vou te dar um negócio que está me intrigando e você talvez possa me esclarecer." Eu disse: "O que foi?" –"Olha, eu tirei da barriga do capitão pelo menos quase meio quilo de Bombril." Eu disse: "Bombril?" –"E você não imagina como um Bombril é complicado, porque a gente.. eu tive que lavar com creolina praticamente o intestino dele para tirar, porque não posso deixar... se eu deixar um fiapinho daquele pode dar uma infecção, essa coisas, então, tem que tirar tudo e uma tripa aberta é um... Você não vê quase nada, aquela geléia, sangue..." Aí eu ligo para o Sérgio: "Capita, qual é... Bombril?!" Ai ele leu e disse: "Você tem Bombril em casa?" –"Tem, quem não tem?" –"Você tem uma bateria dessas de nove volts, aquelas quadrinhas?" Falei: "Tem, meu filho tem um robô da [marca] Estrela e tal que tem essa bateria." E falou: "Tá bom, então, você esfiapa o Bombril, encosta na bateria e encosta no pólo da bateria e depois você me liga." Aí desligou o telefone. Quando eu botei aquele troço em cima explodiu. Fez uma bola de fogo, olhei aquela coisa caindo no chão e eu pisando, a[esposa] Liege disse: "Vai destruir o sinteco." Eu ligo: "P...! Sérgio você quer que eu taque fogo na minha casa?" E ele disse: "Você descobriu um truque de guerra na selva." Eu disse: "Como?" –"E provavelmente a razão da explosão da bomba. A gente usa Bombril sempre quando vai para floresta, o Bombril e a bateria, porque isso faz

fogo até embaixo de uma tromba d'água. Você não imagina que eu vou levar uma caixa de fósforos que pode molhar, etc e tal. Peguei fósforo, mas pode perder o fósforo e também não imagina que eu fico fazendo fogo com aquele, tipo índio, com a pedrinha ou com aquele pauzinho, a gente pega esse Bombril, encosta no coisa que explode como você viu, faz fogueira até se estiver chovendo em cima de você. Mas tem uma outra utilidade que é essa utilidade que possivelmente foi dada. Quando a gente entra numa clareira, tem que abrir uma clareira, as primeiras árvores a gente tem que explodir pra derrubar. Não tem nem espaço para se mexer muito bem com motosserra, então a gente põe o explosivo plástico em volta e explode a árvore. Mas o Bombril, quando a gente tem pouco explosivo ou quer aumentar o poder da explosão, a gente usa o Bombril, porque você viu que o poder calorífico é muito grande, ele produz calor numa quantidade imensa. Então, a gente envolve com Bombril e aí a explosão é muito maior. Essa bomba era para arrebentar mesmo, não era brincadeira." O Sérgio disse: "Oh, você possivelmente descobriu também o mecanismo do que aconteceu ali. Ele possivelmente estava mexendo naquilo, naquele espaço em um Puma, apertado, escuro, de noite e encostou no Bombril, fechou o circuito ali e explodiu a bomba". No dia seguinte, eu fiz uma matéria que dizia: "Uma esponja de mil e duas utilidades". Lembra que tinha aquela "mil e uma" e eu dizia "mil e duas utilidades" contando essa história. Isso motivou o Sérgio a rir muito, porque muita gente, muitos "milicos" assim linha dura que não concordavam com ele, mas gostavam da "machúria" - como os militares diziam - que ele tinha sido macho em encarar o [brigadeiro] Burnier, aquela coisa toda. E telefonavam dizendo: "Tá vendo esse jornalista... Esse cara deve ter feito curso em Cuba! Como é que pode saber esse tipo de coisa? Isso é coisa de guerra na selva e tal..." e aí por fora. Bom, terminou obviamente o caso naquela ocasião com aquele IPM [Inquérito Policial Militar] e uma, digamos assim, descrença geral da nação. Uma parte considerável das Forças Armadas bem insatisfeita e o governo Figueiredo terminou naquele momento. O general Golbery inclusive saiu do governo, porque era... Aquilo foi possivelmente o último estertor do porão tentando breçar a abertura democrática. E o papel da imprensa naquilo foi importante porque desmoralizou esse negócio, partiu de gente... Muito, quer dizer, não é... Dizer que um episódio daqueles partiu da cabeça de um sargento e de um capitão é brincadeira, até por que não era só eles não. Havia vários carros ali, explodiram outras bombas, explodiu uma bomba na casa de força, quer dizer, não é na casa de força, era uma torre, um poste onde tinha um transformador de força que eles botaram ele ali. Mas uma bomba explodiu, o poste não oferece nenhuma resistência, não foi amarrado no poste, nem nada e então chamoscou um pouquinho o poste, mas não houve nada. E havia outras bombas dentro do

Riocentro também, na ocasião inclusive, do atentado, na primeira noite a *TV Globo* mostrou um artefato sendo retirado de dentro do Puma. Esse artefato era possivelmente uma segunda bomba que não explodiu não sei por quê, pois em geral as bombas explodem – se chama por “simpatia” – sabe, quando você explode uma bomba aqui e tem uma outra aqui, a outra por simpatia estoura também. Aliás, uma bomba atômica por exemplo, na verdade, é uma primeira que explode uma bomba para depois detonar a explosão nuclear. Eu fui à *Globo* algum tempo depois, na mesma semana, tentar ver esse filme e tinha um general – eu não me lembro agora mais o nome dele – que tomava conta do arquivo e esse filme desapareceu e nunca mais apareceu. A própria *Globo* me chamou quinze anos depois para fazer um [programa] *Globo Repórter* sobre isso e eu fiz junto com o Caco Barcellos. Mas esse filme nunca mais foi localizado, quer dizer, o filme que desapareceu mostrava que havia um segundo, uma coisa parecida com um artefato, que está sendo tirada de dentro, da parte de trás do Puma, estava sendo removida. Esse eu acho que foi o único estertor do porão. Uma tentativa desesperada quase, de alguns setores radicais, muita gente até de São Paulo, para tentar melar o processo de abertura e o Figueiredo ficou no meio do caminho. Ele, por um lado, não puniu como o Golbery e outros gostariam que tivesse acontecido, porque esse pessoal tinha... o Golbery vivia dizendo sempre que não adianta “guardar esqueletos no armário”. Os esqueletos nos armários não se resolvem, você fica com esses esqueletos o tempo todo. Ao passo que se você pegar esses esqueletos e botar na praça pública, você vai criar uma semana de imenso escândalo e um mês depois o assunto está encerrado. Daí as coisas que não querem calar da ditadura até hoje que são os desaparecidos. Por isso, o Rubens Paiva, por exemplo. Os desaparecidos... Eu acho até que, de repente, você pode concordar que quando uma pessoa está... Quer dizer em guerra, por exemplo: entrei na guerrilha, fui assaltar um banco, entrei num tiroteio ou coisa desse gênero, fui para luta armada... Você fez uma opção e nessa opção pode acontecer um monte de coisas, inclusive de você morrer, o que não pode é você desaparecer. O que não pode é, pessoalmente, você desaparecer se você não tiver feito essa opção, que era o caso do Rubens Paiva. Uma pessoa que é um ex-deputado, um empresário, um cara rico, mas que cujo crime é ajudar os filhos e alguns amigos de pessoas que estavam exiladas. Ele mandava dinheiro para essa turma para ficar lá no Chile, para conseguir viver, porque eles não tinham como viver. E por causa disso e outras coisas, ele é preso, torturado, é morto, somem com o corpo dele e não aparece até hoje. Enquanto esta explicação não for dada, não adianta, esse debate não vai fechar nunca, porque é uma ferida que não tem cicatriz. Se meu pai tivesse desaparecido, fosse o Otávio Bonfim, fosse o Orlando Bonfim, se eu fosse

filho de algum desaparecido eu estaria muito preocupado, porque eu quero saber o que foi feito do meu pai. Ele não pode ter sumido, ele não foi levado por um disco voador como um personagem de novela das vinte horas, assim sumiu... Não é assim. Então este tipo de coisa é que tem que ser resolvido e isso era o que o Golbery dizia na ocasião até mesmo sobre o Riocentro: "Diga logo quem foi, que o Exército se livra disso." E o grande problema do Exército é que na medida em que ele não se livrou disso, ele incorpora e isso fica na conta dele. Isso ficou claro no primeiro IPM que foi mentiroso, o coronel Jó foi promovido a general. O segundo inquérito que eles abriram quinze anos depois desmente o primeiro, o que prova que o general mentiu e mesmo assim ele não perde o grau de general, ele não é 'despromovido' e o Exército até hoje encaçapa essa. Embora tenha reconhecido que foi ação militar, no segundo inquérito, uma ação militar isolada o que também é completamente absurdo, porque como eu disse não passa pela cabeça de ninguém que um sargento e um capitão e mais uma porção de "miliquinho" de quinta categoria resolvam sair e detonar um show do Centro Brasil Democrático, onde tem dez mil garotos, dez mil pessoas, dentro do Riocentro com as portas trancadas, o que objetivamente se acontecesse alguma coisa lá dentro, o estampido da boiada é que ia causar uma tragédia. Ia matar muita gente ali. A bomba do [capitão] Wilson possivelmente estaria no estacionamento e ia estourar no estacionamento quando as pessoas... A primeira bomba que estouraria seria a da casa de força para cortar a luz, havia também uma bomba na caixa d'água dentro, atrás do palco, que foi localizada e a gente soube dela quinze anos depois na matéria da *TV Globo*. O coronel Ilimar, que era o chefe do policiamento na ocasião contou para a gente depois. E quando o pessoal saísse em polvorosa... E havia outro problema, as portas do Riocentro, portas anti-pânico, estavam trancadas, então, ia ser um massacre. Ia ser um massacre, ia ser uma coisa indescritível o que ia acontecer e é tudo... Ia ser uma coisa, digamos, você tinha ali era a garotada da Zona Sul do Rio de Janeiro. Os próprios filhos do coronel Cerqueira, cuja – digamos assim – atuação no dia, é estranha, não é, porque havia coisas estranhas nisso. Quer dizer, por exemplo, de repente, o coronel Cerqueira manda retirar o policiamento do Riocentro, no dia do show, um show onde iam 10, 15 mil pessoas, ora, mesmo sendo de uma entidade privada que era o Centro Brasil Democrático – que era na época considerado um braço político do Partidão [Partido Comunista do Brasil], que obviamente era pela luta política. Era contra luta armada e tudo isso, não tinha... Pela legalidade, não tinha... Os comunistas – não do PCdoB, mas do "PCzão", do "clube" – tinham decidido não lutar politicamente contra a ditadura e esse era um dos eventos para arrecadar finança e tal. E estava lá a Elba Ramalho, o... como é que chama? Enfim, um monte de gente... Chico Buarque, todo mundo, neste tipo

de show que se fazia naquela ocasião. Essa bomba se estoura ia provocar uma situação e essa conta ia tentar ser passada para a extrema-esquerda, ou seja, porque todas as placas estavam pichadas VPR, que era a Vanguarda Popular Revolucionária, que aquela altura já tinha sido completamente desmantelada. Já tinha sido desmanchada e não tinha mais nenhuma função nem coisa nenhuma. Não existia mais, naquela ocasião, uma resistência armada à ditadura. Mas a abertura já era um fato consumado e o porão obviamente não se conformava com isso e daí então... E o coronel Cerqueira, no dia atentado, ele manda retirar o policiamento e tem mais outra coisa estranha que acontece: o comandante do batalhão de Jacarepaguá, naquele mesmo dia, é preso. É preso e quinze anos depois, com a *TV Globo*, a gente vai lá, tenta conversar com ele para saber o que tinha acontecido e quinze anos depois eu descobro que as pessoas continuavam não falando. Hoje eu não sei se ele está vivo, não sei se ele falou. O Ilimar me falou, ele já morreu, também depois, mas contou a história toda e aí ele, o Ilimar é nomeado comandante, sem nenhuma cerimônia nem porcaria nenhuma e toma o comando naquele mesmo dia indicado pelo Cerqueira. Não sai para policiar, porque a ordem é não sair, mas sai quando sabe o que está acontecendo, ou seja, quando sabe que explodiu uma bomba lá, aí vai a PM [Polícia Militar] para lá e ainda entra e descobre alguns militares dentro, que se identificam como militares e ele descobre então que esses caras então tinham colocado a bomba na da caixa d'água e mandam desmontar a bomba e coisa e tal. Só que, mais uma vez, o que acontece? Ele faz um relatório, entrega ao comandante geral da PM e esse relatório sumiu, ninguém sabe e ninguém viu, etc... E o Cerqueira não fala nem morto disso, até hoje. E outra coisa: ele se defende dizendo que não ia mandar explodir aquilo porque os filhos dele estavam lá. Aliás, ele tinha filhos roqueiros, o que é muito engraçado você ver um cara linha dura com filho roqueiro. De qualquer forma, seja como for, não aconteceu, mas poderia ter acontecido ali um negócio brabo que, enfim, graças a Deus, digamos assim, por excesso de autoconfiança, provavelmente, de um dos dinamitadores, a coisa falhou e deu errado.

### **Por que, quinze anos depois, foi reaberto o IPM?**

Não, não foi reaberto o IPM, quinze anos depois. Quinze anos, depois eu estou... Onde eu estou? Quinze anos depois, o Evandro Carlos de Andrade assume a *TV Globo* e me chama para fazer um *freela* e foi até uma coisa muito curiosa, porque ele me chamou para fazer um *freela* que era para recontar a história do Riocentro. Estava fazendo quinze anos, então, vamos saber o que aconteceu. E eu fiquei muito até sensibilizado com isso, porque o Evandro era o editor de "*O Globo*" na ocasião e eu trabalhava no *Jornal do Brasil* na ocasião. Não se bicavam de jeito

nenhum e era de certo sentido um reconhecimento do Evandro que o trabalho do *JB* [Jornal do Brasil] tinha sido melhor que o do [jornal] *O Globo*. Por que o repórter que ele chama para cobrir o caso do Riocentro, para reabrir o caso e colocá-lo na *TV Globo* sou eu? E eu cheguei e disse: "Olha, eu topo, mas eu topo com uma condição." E ele disse: "Qual?" "Eu quero escolher o repórter que vai trabalhar comigo nisso." Aí o Evandro, que era muito malandro, olhou e disse: "Eu posso sugerir, posso tentar dizer qual é o repórter que você vai dizer?" Eu disse: "Pode." Ele disse: "Caco Barcellos." - "Dez sobre dez, acertou em cheio!" O Caco, aliás, vocês tem que entrevistar o Caco se não entrevistaram ainda, o Caco é uma das figuras mais extraordinárias que eu já conheci na profissão da gente. Tem uma origem humilde, o Caco chamava Caco porque ele ficava brincando com o ursinho, quando era criança. Ele era muito pobre, foi motorista de taxi e tal, mas é um cara de uma formação, de uma integridade e uma honestidade na profissão e uma coragem. Esse sim de Mamãe Onça, trabalhar na *TV Globo* desse jeito não é brincadeira. Ele inclusive desmanchou a rota, lá em São Paulo, e teve inclusive que sair do país. Eu uma vez participei com o Caco... Assim, eu trabalhava na *TV Globo*, mas não estava... Eu estava junto com ele e fomos para periferia de São Paulo e devo dizer que eu fiquei com muito medo naquele dia, de estar junto com o Caco ali naquele negócio. Por que ali "nego" entrava e chacinava sete, oito, dez e vai embora, não tinha satisfação a dar a ninguém, ali não é brincadeira não! É coisa do nível do Elias Maluco, dessa turma do Tim Lopes, é um troço muito... E ele é... Eu disse: "Não, só vou com o Caco". Aí no dia seguinte, nós saímos e fomos para auditoria da Aeronáutica que estava funcionando. Não, não era da Aeronáutica, era do Exército militar que estava funcionando na Praça da Bandeira, mudou para a Praça da Bandeira. E eu entro lá com o Caco, quietinho - tinha uma surpresa - aí as escreventes, o pessoal todo, por isso que eu digo que o pessoal... Todo mundo identificava o Caco, poucas pessoas diziam que ele era o Caco, inclusive ele se divertia dizendo: "Não, eu sou o Cid Moreira e tal..." - "Qual o seu nome?" - "Ah, Carlos Dornelles..." E o pessoal ficava: "Pô, eu te conheço e tal." E quando entramos no... Tem o juiz e todos os escreventes: "Você é o Caco!"... E eu fiquei quieto no meu canto, aí ele vai falar com a juíza. E a juíza: "Olha, eu não posso liberar o processo, tem que ter um advogado e tal..." e o Caco diz: "Pena, eu tenho que ir... bom eu vou falar com o Fritz então... ver se a gente..." Aí ela: "Fritz, que Fritz?" "O Fritz Utzeri que está comigo." - "Fritz Utzeri? Ele era correspondente em Paris do *Jornal do Brasil*! Sou louca pelas matérias deles! Chama ele aqui! Adoro suas matérias." Aquele negócio da permanência do que se lê. Aí a mulher liberou para mim o processo. Só que a gente tinha que ficar a noite inteira xerocando e devolver no dia seguinte. Aí eu ri porque eu disse: "Bom, eu já estou muito

satisfeito que eu já vi que o meu *status* aqui melhorou muito. A última vez que eu entrei aqui foi como réu. Hoje eu sou fiador, quer dizer, os tempos tão outros, né...". Aí o Caco, que inclusive foi lá no Evandro e disse: "O Fritz conseguiu isso e tal." Ele é absolutamente correto e aí nós levantamos o resto da história, o Ilimar esse tipo de coisa. Aí *O Globo* entrou na história também e fez uma série também e aí o Exército resolveu reabrir o caso. O Exército abriu o caso e obviamente fizeram um segundo IPM [Inquérito Policial Militar], no qual constataram que era coisa dos militares mesmo, mas sabe, coisa de "bad boys", mas nesse mesmo filme a gente descobre. Fomos atrás do coronel - nessa altura, já era coronel - Wilson, que dava aula no Colégio Militar de Brasília. E foi muito, sabe, era muito curioso, porque você ir atrás das pessoas, alguns ex-participantes, caras que botaram a bomba lá que estavam enfurecidos, como agora o pessoal da tortura - e eu conheci muitos desses caras - porque eles tem a sensação de que tiraram as castanhas do fogo com as mãozinhas sujas deles e os outros que mandaram tão na boa: - "Não fizemos nada, não é." Eles é que pagaram o pato. E muitos deles se empolgaram com essas coisas, passaram a fazer contrabando, entravam na casa do pessoal que prendia e roubavam tudo, etc. e tal. E alguns acabaram sendo expulsos do Exército, então, ódio, não é! Aquela coisa, os caras com ódio, rancor, raiva, só que medo também e aí é muito difícil você tirar as coisas. Então, mesmo assim a gente chegou muito perto dos mandantes, mas falta a prova, falta o papel, falta àquela coisa... Mas aí ficou muito clara a divisão. Por um lado nós botamos o Nini, não, o Nini não, o Nilton Cruz, o Maximiliano, todos eles falando realmente que foi coisa de militar. O Maximiliano contando inclusive que havia o esquema da Marinha para resistir a um golpe do Exército caso isso acontecesse. Então, foi uma coisa muito barra pesada mesmo dentro das Forças Armadas, entende, era uma tentativa efetiva mesmo de dar para trás, de voltar atrás do processo de abertura, mas que a essa altura era impossível porque muitos militares resistiram, mas não resistiram ao ponto de superar a solidariedade ou o corporativismo - vamos dizer - da instituição. E o Exército acabou ficando mal, as Forças Armadas, todo mundo, acabaram ficando muito mal nesse negócio... Nesse e em alguns outros que também são parecidos com esse, por exemplo, o caso Rubens Paiva, em ponto menor, é parecido com esse. A "caca" é feita na Aeronáutica, ele é preso, torturado, arrebatado na Aeronáutica, transferido para o DOI-Codi [Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna], morre no DOI-Codi e o DOI-Codi, o DOI-Codi assume e some com ele, inventa a estória de um seqüestro e assim por diante. Mas isso já é outro caso, a gente deve falar disso.

**A gente podia até falar disso agora, Fritz, e era legal você situar quando isso aconteceu.**

Não, isso antes, o caso do Riocentro é 1981, se não me engano. O Rubens Paiva é 1979. Bom, deixa eu contar uma coisa antes um pouquinho disso. Quando o [Alberto] Dines sai do *Jornal do Brasil*, assume o Walter Fontoura, e o Walter Fontoura era chefe da sucursal de São Paulo e ele vem com a missão de “descomunizar” o *Jornal do Brasil*. Ou seja, o Britão [Manuel Francisco do Nascimento Brito] achou que o Jornal estava muito à esquerda e chegou com essa coisa linha dura, um cara de direita e tal. Tudo bem, ele reúne todo mundo em um andar, foi um mal-estar geral, todo mundo: “Pô, o que vai acontecer, o que não vai acontecer...” E o Walter chega e diz: “Olha, eu cheguei aqui porque esse jornal está muito faccioso e tal, não é que a gente não tenha que dizer o que está acontecendo, tem sim, mas não pode ser faccioso. Por exemplo, outro dia eu demiti um repórter na sucursal de São Paulo, porque teve a missa, na Catedral da Sé, em memória de um delegado que foi morto por subversivos...” O cardeal ainda não era Dom Paulo era o Dom Agnelo Rossi. - “E esse cara escreveu que a Catedral estava vazia e tinha quinhentas pessoas na missa. Quinhentas pessoas não enchem a Sé, mas não é para dizer que estava vazia. Então, o cara foi desonesto e tal e foi demitido. Foi faccioso, tendencioso como agora...” Nós estamos, acho que foi em 1974 ou 1973, eu teria que ver essas datas. - “No Chile, teve o golpe e aí toda hora tem fulano foi assassinado no Chile, ciclano assassinado no Chile, massacre no Chile... As pessoas morrem no Chile, todo mundo é assassinado no Chile...” Aí eu disse: “Walter, está havendo uma epidemia no Chile? Qual é a epidemia que está havendo no Chile?” O Luis Orlando que estava do lado – que está até hoje no *Jornal do Brasil* – na época ele começou a gaguejar, o Walter ficou puto da vida, mas não respondeu e continuou, eu sentei... “É que eu perco o emprego, mas não perco a piada e ele nem riu”. Aí, cheguei na redação, mais um daqueles casos de “Tô demitido e boa noite.” Isso aconteceu três vezes comigo no jornal. Aí chega, eu sento, vem o Contino e diz: “Fritz, o Walter quer falar contigo.” – “Meus amigos, foi um grande prazer trabalhar com vocês até aqui e tal, mas a essa altura vou lá para perder o meu emprego, fazer o quê? Acabei de encarar o Ferrabraz.” E aí eu chego lá com o Walter e ele falou: “Você é médico, não é?” Falei: “Sou”. Não entendi bem o preâmbulo e ele disse: “Quais são possibilidades que uma pessoa tem de morrer num hospital?” Continuo não entendo o preâmbulo e disse: “Walter, em princípio, maiores de quem não está no hospital, porque em princípio quem está no hospital deve estar no mínimo doente, não é. Quer dizer, não estou entendendo a sua pergunta.” – “Não, por erro.” – “Ah, então você está falando de erro médico? Razoáveis, dependendo do hospital... Mas de que hospital você está falando?” – “Tô

falando de hospital privado.” – “Ah, como assim?” Aliás, teve uma “caca” imensa com essa menina na Casa de Saúde São José... “Não nas casas de saúde assim, no Guilherme Romano, Santa Lucia...” – “Você quer uma matéria sobre isso? Você faz?” – “Faço” – “Então faça. Quanto tempo você acha que você precisa?” – “Me dá umas três semanas e eu faço.” – “Está bem, então faça.” Saí e disse: “Eu não estou entendendo absolutamente nada.” Achei que fosse ser demitido, eu fui foi desafiado. Esse cara, sabendo que eu sou médico acha que eu não vou ter coragem de fazer essa matéria. Não sei. Alguma coisa, qual é o diabo da cabeça dele que manda... Eu pensei que eu chegasse lá e ele dissesse: “Fora daqui e tal, epidemia no Chile é a mãe!” Não, não, pelo contrário. Eu falei: “Tá bom!” E fiz a matéria e o jornal publicou grande no domingo. Eu me lembro até hoje que era assim: “Erro médico tem na ganância sua causa essencial.” Mostrando verdadeiros absurdos, latas de lixo passando dentro de UTI ou berçário, contaminação e estórias apavorantes de coisas absurdas feitas e tal, tudo bem, bonitinho. Eu chego no jornal no dia seguinte, tem uma garrafa embrulhada, uma garrafa de um *Black Label Johnnie Walker* com um bilhete: “Não sei se médico bebe, mas meus parabéns!” E por incrível foi o Walter que me deu todas as grandes chances profissionais a partir daí: eu fui para a Nicarágua na revolução Sandinista, eu fui para a Argentina quando caiu a Isabelita de Perón, as matérias do Rubens Paiva. Ele deu seis meses para o Heraldo [Dias] e eu saímos atrás e quer dizer que éramos os repórteres mais bem pagos do jornal. Cobri vários casos: o caso Aécio, o caso do Sérgio Macaco do Para-Sar, o caso do Riocentro mesmo. Quer dizer, tudo isso foi durante a gestão do homem da direita, entende, mas que se estabeleceu entre nós uma relação de respeito e amizade até, porque ele realmente me desafiou. Naquele momento, ele disse: “Quero ver se esse cara é tão desaforado assim, se é bom mesmo.” Como eu fiz, ele passou a me respeitar e passou a respeitar a redação, o que aliás era uma coisa que o Brito tinha: muito respeito pela redação, o velho Brito. Há um terceiro episódio desses, antes de você fazer sua pergunta, eu vou contar: você lembra quando... Você lembra não, provavelmente você era pequena. Na primeira crise do petróleo, quando fecharam os postos de gasolina no fim de semana. Alguns de vocês já, digamos... você provavelmente sim. Fecharam os postos no fim de semana, então, sexta-feira à noite era uma loucura e tal. E tinha uma exceção: os postos que ficassem abertos a 50 km de qualquer núcleo urbano podiam ficar abertos. Era difícil você achar um posto que ficasse a 50 km de nada, não é, não tinha jeito e tal. De qualquer forma aqui no Rio de Janeiro ia ser fechado, então era uma sexta-feira e eu tinha uma Brasília novinha, 0 km, que eu tratava com um cuidado. O apelido da minha Brasília era... Toda assim, banco recaro, aquele volantezinho pequenininho de madeira, que

eu não sei nem como eu dirigia aquele negócio, porque manobrar aquele negócio... Não tinha direção hidráulica, nem nada... O apelido da minha Brasília era "penteadeira de puta" porque era aquela... De roda de liga leve, coco-boy, carro de coco-boy e eu tinha um xodó por aquele automóvel! Era uma sexta feira, eu já tinha entregue a minha matéria e resolvi pura e simplesmente ir num posto de gasolina para lavar o carro. Fazia aquelas besteiras que não se faz no carro de passar óleo de mamona, o que não se faz no carro, trocar o óleo, lavar o motor... E estou num posto de São Cristóvão – São Cristóvão não, em Benfica – e percebo de repente que pára uma Kombi e abre a Kombi e está cheia de latões assim, desses latões de óleo e o cara metendo gasolina lá dentro. – "Ih cacete, tem alguém estocando gasolina!" E eu estava, por acaso, com a máquina fotográfica dentro do carro. Peguei e meti uma tele fotografando, tal, placa, aquela coisa toda, o carro... Voltei e disse: "Quem é aquele?" – "Ah não, é a Quimigráfica Mayer, é uma gráfica que tem aqui e tal..." – "Você conhece o pessoal?" – "Não, eles tem um telefone." Então, eu peguei o telefone da Quimigráfica Mayer, voltei para o jornal, peguei o telefone e liguei para lá: "Ó, vocês estão carregando aí uma Kombi que eu vi, assim e assado." – "Ah, não tem nada aqui, não enche o saco..." E falei: "Mas eu preciso falar com alguém aí pô, porque o que vocês estão fazendo é ilegal, senão isso vai sair no *Jornal do Brasil* amanhã." – "Não, não tem ninguém mais aqui não." E desligou na minha cara. Falei: "Bom, azar, eu tentei". Liguei para o Conselho Nacional do Petróleo, perguntei como era o troço, o cara me explicou, confirmei com o DETRAN que era de fato a Quimigráfica Mayer, fiz a materiazinha e, no dia seguinte, todo pimpão e orgulhoso, eu chego no jornal porque tem cinco fotos minhas na primeira página, cineminha assim... Vem o Alberto Ferreira, que era o editor de fotografia: "Pô, parabéns hein! Estreou com cineminha!" Falei: "Pois é, o Evandro Teixeira que se cuide comigo, porque agora cheguei pra arrasar." Tinha uma reunião ao meio dia, de pauta, em cima, no gabinete do Brito. De repente, desce o mesmo Alberto, branco e diz assim: "Rapaz, aquela sua matéria deu uma cagada!" Eu disse: "Pô, por quê?" – "A Quimigráfica Mayer é a que imprime a *Revista de Domingo*." – "Isso eu sei, mas imagino que não deve imprimir de graça não, acho que jornal paga para imprimir, não é?" – "Não, não, mas não é isso. Você sabe para quem era aquela gasolina?" – "Não tenho a menor idéia, eu tentei saber. Eu liguei para Quimigráfica Mayer, mas só não me mandar tomar naquele lugar, mas à merda me mandaram, portanto, eu vou fazer o quê? Tá registrado na matéria que a Quimigráfica Mayer procurada não quis se manifestar a respeito do assunto." – "Olha, o Brito tem uma lancha." – "Isso eu sei." – "Mandou consertar a lancha dele num estaleiro lá no Fundão. Mas no estaleiro do Fundão não tinha gasolina e ele ligou para o dono da Quimigráfica Mayer pedindo se não fazia o

favor de arranjar gasolina para a lancha dele. Agora, você imagina o dono da Quimigráfica Mayer no dia seguinte quando vê no *Jornal do Brasil* a Kombi dele com aquela porra daquela..." – "Seu filho da puta você armou para cima de mim! – O cara ficou louco! Eu falei: "Eita ferro, Deus do Céu!" Pensei: "Se fosse *O Globo* eu estava demitido." Mas o jornal tinha uma característica nesse sentido que o jornal não é uma atividade como outra qualquer. O Brito inventou não sei o que para dizer que não tinha sido proposital, eu não sei se o cara acreditou ou não, como resolveu, eu não sei, mas ninguém me disse nada a não ser o Alberto, ali no corredor. Você imagina que eu fosse demitido: no dia seguinte um outro repórter está na rua e vê um troço absurdo, o primeiro impulso dele é ir e ver o que é aquilo. Depois ele pensa em mim e ele diz "Oh, oh, eu não vi isso" – e vai embora. Então, esse é... Se você entende essa essência, você entende o que é um jornal. O Brito fez mil besteiras, destruiu o jornal praticamente, aquela ruína que vai virar hospital de ortopedia atesta isso, mas ele respeitava a redação. Essa foi a terceira vez que eu quase poderia dizer "Tchau gente, foi um prazer" e não conseguir sair. Diziam que devia ter o corpo fechado lá no jornal. Agora o que você queria saber?

#### **Querida que você contasse agora o caso Para-Sar.**

O caso Para-Sar aconteceu quando eu ainda estava na faculdade, eu não tava nem no jornal nessa ocasião. Depois quando eu soube do caso mais tarde, havia um dia em que a gente tinha um boato de que tinha caras da Aeronáutica que iam atirar na gente na passeata. Não aconteceu. Eu esqueci do assunto, nunca mais pensei nisso. Anos depois, quando surgiu esse fato é que eu associei a coisa, mas obviamente quando o caso se desenvolveu, eu não sei se foi o... ai meu deus qual foi o senador? Era um senador gaúcho com o nome alemão, que denunciou o caso, o caso foi coberto e tal. Aquela coisa toda, mas ainda tinha a censura, o AI-5, tinha a coisa toda. O caso você conhece, não sei se eu preciso contar o que aconteceu, mas era o brigadeiro [João Paulo] Burnier, convoca o Sérgio [Macaco] e convoca também o sargento do Para-Sar para uma ação que seria simplesmente fazer o seguinte: explodir o gasômetro do Rio de Janeiro, tacar fogo nele e atribuir o atentado aos comunistas. Seria uma... E depois pegar uma série de políticos e depois... Entre os quais até mesmo o pessoal, Ademar, Lacerda, uma porção de gente, jogar no mar, uma lenha dos diabos. Ele fez uma preleção, assim, selvagem. Isso ele, os sargentos do Sérgio e o Sérgio. O Sérgio diz: "Olha, eu não vou fazer isso. Aliás, se você quiser, primeiro, você dá uma ordem dessas por escrito?" Óbvio que ninguém dá uma ordem dessas por escrito. – "Eu não vou fazer isso". E entrou em conflito com o Burnier. E o Burnier o destruiu, embora os sargentos apoiassem o Sérgio, sabiam que... não é? E foi um caso longo, o Sérgio foi cassado, foi

afastado. E eu conheci muito tempo depois quando o caso foi reaberto e ficamos amigos, inclusive fomos vizinhos durante muito tempo. O Sérgio é uma figura extraordinária. O Sérgio é um cara... posso contar alguma coisa dele... Eu tento até hoje, eu estou com os depoimentos todos, eu tenho a intenção de escrever a sua biografia porque o Sérgio é uma cara que não pode ser esquecido. Eu, por ser alemão e por ter um pai que lutou no exército alemão, sempre fico grilado, sempre me grila muito quando eu vejo, quando eu via um alemão assim com a idade maior, que pudesse ser adulto na Segunda Guerra, a pergunta que eu me fazia era: "O que esse cara fez?" E quando eu via os filmes, por exemplo, o pessoal da SS [*exercito nazista*], barbaridades e tal e o cara dizia: "Eu estava apenas cumprindo ordens". Esse negócio de apenas cumprir ordens é uma coisa séria, entende, você não deve cumprir certas ordens. É obvio que você cumpre as ordens que são racionais, essas você cumpre e não discute. Agora, ordens que são ordens absurdas, simplesmente você não deve cumpri-las, mesmo sendo "*milico*", mesmo com tudo isso. Se me dizem: "Mata essa criança" Eu digo: "Eu não mato. Se quiser me matar, me mate. Mas eu não vou matar essa criança. Eu não vou fazer isso. Eu não vou fuzilar judeu, não vou fazer isso e não vou explodir o gasômetro." Entende? Então, o Sérgio teve essa hombridade que nenhum daqueles caras da coisa teve. Nenhum deles disse: "Não, não faço". Tanto que eu tinha pensado nisso como o título de uma biografia seria "O Homem Que Disse Não". E por dizer não, obviamente a vida dele foi destruída. E o Sérgio era um cara que era uma figura fantástica. Porque era um cara ao mesmo tempo desbravador, muito amigo dos índios, muito amigo dos Villas-Boas, tinha histórias extraordinárias, esse era um sujeito que tinha uma vida... Porque ele começou querendo ser militar, aviador, não é... Mas o Sérgio era meio doido, quer dizer, como todo cara genial... Ele estava praticamente já formado. Já voava solo nas academias aqui do Campo dos Afonsos. Quando tem uma solenidade qualquer, o Sérgio simplesmente com o avião dá um rasante em cima da solenidade. Um brigadeiro se jogou no chão. Obviamente, ele foi preso e lhe disseram: "Você não vai voar mais." Ponto. Vira intendente. Um homem que nem o Sérgio Macaco virar intendente era a morte em vida. Mas o Sérgio foi para o Rio Grande do Sul virar intendente. E como intendente ele fez o quê? Para o rancho dele, ele contratou o cozinheiro do *Plaza San Rafael* que era o hotel mais luxuoso de Porto Alegre. Servia no rancho dos militares *filet mignon*, galinha assim... Tinha cardápio, inclusive para pessoas que fossem portadores de necessidades especiais, diabéticos, regimes, etc... E o Sérgio, com toda essa mordomia, no final do ano devolvia dinheiro para o comando da Aeronáutica. Nos outros, o rancho era aquela merda de feijão com pedra e o cacete a quatro, sempre que chegava no meio do ano queriam mais dinheiro. Então, ficou

absolutamente evidente que tinha algo errado. E foi a única vez que atentaram contra a vida dele, inclusive. E óbvio que ficou claro que o pessoal roubava e como ele não roubava ficou evidente, resolveram abrir o IPM, o [brigadeiro] Eduardo Gomes foi para lá, atiraram no Sérgio e feriram o Sérgio. E quando abriram o IPM, no dia seguinte incendiaram toda a Intendência de Porto Alegre da Aeronáutica e pegou fogo. Você vê que ele era encrunqueiro. Onde ele estava tinha encrência. Aí, não vai ser mais intendente e ele conhece um cara, um para-quedista francês, chamado Charles Astor - que tinha sido da Legião Estrangeira - e se apaixona por para-quedismo e funda e cria o Para-Sar, que era exatamente aquilo que, no fim, ele gostava de fazer: pular na selva, contatar índio, desbravar o sertão, salvar, resgatar pessoas que estavam perdidas em desastres aéreos, resgatar corpos de vítimas como esse acidente da TAM... Da GOL que teve lá. Eles faziam isso o tempo todo. Ele passava no mínimo seis meses dentro do mato, aquele bando de malucos, porque você tem que ser completamente maluco pra fazer isso. No meio daquela... Você saltava, por exemplo, quer dizer, você salta em cima da mata com o para-quedas aí você tem que enganchar o para-quedas numa castanheira com o galho para cima, porque se você enganchar com o galho pra baixo, seu para-quedas rasga e você tomba de 60 metros e morre lá em baixo. Então, você imagina descer com aquele negócio, é completamente vida de doido, mas era a vida dele e aquilo também é cortado exatamente porque ele como era um dos militares mais treinados da Aeronáutica e provavelmente do Exército, hoje é aqueles caras de guerra na selva. Eles sabiam que eram aqueles caras que comiam qualquer merda literalmente, qualquer coisa, sabiam sobreviver em qualquer circunstância, então, eles é que iam fazer esse tipo de coisa, porque era... E o Sérgio diz não e a vida dele é destruída. Eu acompanhei o caso e não tem nenhuma prioridade nesse caso, porque o caso foi reaberto, mas possibilitou que eu conhecesse a figura, acompanhasse o caso e ficasse amigo dele e ele me ajudasse muito, por exemplo, no [caso do] Riocentro. Porque toda a mecânica, a bomba, os conhecimentos, os contatos com os militares e tudo, isso tudo aconteceu graças ao contato que eu tinha com o Sérgio que deriva dessa matéria, desse acompanhamento do caso Para-Sar. Eu enchi muito o saco do Burnier, bem verdade, inclusive quase me vingando daquele processo na faculdade em que ele pedia 30 anos de cadeia para mim e o juiz escreveu assim: "Burro, a lei não retroage." Porque a nova Lei de Segurança Nacional que entrava pedia isso, mas acontece que ele queria que já aplicasse a nova lei e que eu me ferrasse todo. E meu prazer nesse negócio era sair atrás do Burnier infernizando a vida dele. Porque ele sabia quem eu era, só que nessa altura não era mais estudante de Medicina, já tinha acabado o processo, encerrado e eu era um jornalista que estava ali. Tanto que uma vez eu vi dirigir

uma empresa chamada *Xtal* que cuidava de fibra ótica, que introduziu a fibra ótica no Brasil e ele, a secretária... Eu telefonava dia sim e dia não, a secretária dizia: "Brigadeiro, aquele jornalista..." – "Diz para esse filho da puta, que eu não estou e tal. Eu ainda vou dar uma porrada nesse desgraçado!" E eu ouvindo, porque a secretária esqueceu de desligar, aí ela: "Olha, infelizmente o brigadeiro não está..." – "Eu sei que ele está, minha filha. Agora, diz só que, por mim eu não me incomodo, mas ele podia respeitar você, né. Deve ser muito duro trabalhar com uma figura dessas e tal". E era uma coisa... Ele morreu de câncer de tal, o Sérgio morreu antes dele, foi uma tragédia. E o pior disso tudo, o que o Sérgio dizia: "Não quero anistia, porque anistia é perdão de alguma coisa, o que eu fiz não é questão de perdão, eu fiz o que está certo." E ele queria ser reintegrado e promovido e o Itamar [Franco, quando presidente] tinha em cima da mesa dele o decreto de promoção dele a brigadeiro e este babaca não assinou isto, assinou uma semana depois do Sérgio morto. Era só o que ele queria. Foi uma coisa que eu fiquei... foi uma coisa tão ruim, mesquinha, covarde... Qual era o problema? A Aeronáutica já não ia fazer nenhum... Entende? No entanto, ele morreu sem ter esta satisfação. Hoje é o nome do viaduto que tem ali, passei em frente ao gasômetro, mas é um cara que não deveria ser esquecido. Na história, são pouquíssimos os militares que tiveram uma atitude como ele teve e o Sérgio era, antes de qualquer coisa, era militar, era militar, mesmo. Inclusive até o jeito de *milico*, a atitude *milico*, aquela coisa, até meio... que o militar é. Porque o militar é uma coisa um tanto quanto infantil. Você é cercado o tempo todo e ele fumegava assim: "Eu não sou um líder civilista! Eu tenho cara de civilista?" – "Tem e tal"... E o Macaco, bom, obviamente tinha uma agilidade louca, era um cara fortíssimo, vivia no mato, tinha um macaco assim – porque na época, pelo IBAMA, ele podia ter – chamado Kong. Os índios apareceram lá, os índios adoravam dele, aquele pessoal, o Terena, o Raoni, a turma toda pô, batizou o filho do Raoni... Conhecia a turma toda dos índios. Uma vez, uma das histórias mais engraçadas que ele está contando, é que uma vez ele estava cagando no mato, literalmente, duas tribos em guerra, uma de cada lado e ele ali no meio, não sabe se segura a calça ou se faz o quê? Mas as histórias do Sérgio eram de rolar de rir e era um grupo completamente doido, mas grandes caras, entende? Grandes sujeitos, caras que realmente não devem ser esquecidos. Já o caso Rubens Paiva foi diferente. O caso Rubens Paiva, na época que aconteceu, ninguém disse nada. Porque tinha censura até, então, contou-se a história de que o Rubens Paiva foi sequestrado no Alto da Boa Vista quando estava sendo levado, sei lá para um reconhecimento, alguma coisa, por uma organização terrorista que sumiu com ele. Aí o Walter Fontoura, aliás, o Élio Gaspari que era o editor de política de jornal me chama lá e diz: "Olha, vamos ver o que aconteceu

com o Rubens Paiva. Vamos reabrir esse caso porque o caso não está contado." É mais uma na conta do Burnier essa. Aí a gente pega e diz: "Bom, vamos primeiro aos arquivos. Quando foi e que dia foi?" Aí fomos aos arquivos, no arquivo de texto só tinha matéria oficial "Rubens Paiva foi seqüestrado", sei lá o quê... Aí fomos na [seção de] fotografia e tivemos a sorte grande. O fotógrafo do *JB* [Jornal do Brasil] que foi ao local fez a mesma coisa que a gente fez no Puma. Era uma carcaça de Volkswagen incendiada, cheia de buracos de bala e perto do Alto da Boa Vista, na Avenida Edson Passos. Só que o fotógrafo foi minucioso. Dentro e fora, frente e trás, tudo. E mostrava exatamente onde foi. A gente contou vinte e seis buracos de bala na lataria, no vidro tinha mais, então, só na lataria vinte e seis buracos de bala. O Rubens era um cara mais gordo que eu. Era como eu, diabético e como eu não sou, ele era hipertenso e, como eu não sou, ele tinha fraturado a perna em dezessete lugares dois meses antes, portanto, andava mal. Este indivíduo estava no banco traseiro de um fusca com dois "catarinas", Jacy e Juracy Oshendorf e Souza, dois soldados da PE [Polícia do Exército], dois armários, um está sentado na frente e outro do lado dele. Ele conseguiu, no meio de um tiroteio, onde só na lata tem vinte e seis buracos de bala, fora o vidro, de alguma forma esmagar esse monstro contra o volante e sair, ou sair, por uma das duas portas esse cara saiu e correu, segundo o relato dos *milicos*, em ziguezague e se escondeu atrás de um poste deste tamanho. E dali ele correu para o carro dos terroristas e sumiu. Nunca mais se viu. Eles, por sua vez, saíram correndo e se jogaram atrás de uma mureta e trocaram tiros com... Muito bem. Aí nós vamos para o lugar. Bom, primeiro então vamos fazer o seguinte: vamos passar na delegacia policial da Tijuca onde tem o registro disso. O policial que foi ao local provavelmente disse: "Isto vai dar merda!" Ele fez uma descrição minuciosa do local, se dando a pachorra inclusive de anotar o numero dos postes. O poste tem duas séries 1342/ab5. Do outro lado, 340... Os postes ainda estavam lá, bonitinhos, a gente tinha as fotos, só que começou a falhar quando a gente botou o filme para andar. A tal mureta, que tinha mais ou menos uns 40 cm de altura de um lado... Os caras eram tão despreocupados, que não se deram ao trabalho de ir ver a mureta. A tal mureta que os caras disseram que pularam e trocaram tiros era uma pirambeira do outro lado, tinha 20 metros de pedra ali, o cara que pulasse ali estava morto ou ficava pendurado com um braço dando tiro, não sei como ele ia fazer, certamente era impossível. E toda ação mostrava que aquilo era absolutamente impossível, aquilo não aconteceu assim. E aos poucos nós começamos a levantar histórias de como ele foi preso, de como ele foi torturado na 3ª Zona Aérea, entende. Por exemplo, você tem duas pessoas... Mas eu não vou contar a historia aqui de novo porque essa está contada na matéria. De qualquer forma, ele foi morto, foi espancado brutalmente no

[aeroporto] Santos Dummont e levado para o DOI-Codi. A mulher dele e a filha que tinham sido presas com ele ficam também presas, não vêem isso, mas saem quando a mulher sai e vê o carro dele estacionando no pátio da PE, o carro é devolvido com o recibo para a mulher, mas o marido nunca mais aparece. Foi seqüestrado por um grupo terrorista. E aí nos começamos a correr atrás da história e a ver, por exemplo, que tinha um detetive chamado Fernando Gargaglione que trabalhava na delegacia no Alto da Boa Vista, que colaborava com a repressão e que possivelmente enterrou o Rubens Paiva no primeiro lugar, na praia da Barra da Tijuca, etc., no Recreio dos Bandeirantes. Perto de uma casa, onde na Segunda Guerra Mundial se suspeitava que houvesse uma base de submarino alemão, quer dizer, um rádio que avisava aos submarinos alemães, provavelmente fantasia, provavelmente inclusive gerada do fato que no chão da casa tinha cheio de suásticas, daqueles ladrilhos hidráulicos que tinham aqui... Mas era um lugar meio esquisito, cheio de ciprestes, aquela coisa, não tinha nada na época, uma ruazinha só, a Av. Sernambetiba era uma faixa só, não tinha um prédio, nada. Aí a gente sai atrás disso, esse policial fazia jogo duro. E a gente sabia disso, tanto que quando, por exemplo, eu telefonava para o Heraldo [Dias] e dizia: "Heraldo, hoje é o dia do batizado - uma besteira qualquer - Vamos nos encontrar na praça de Água Santa amanhã, tal hora..." Eles puseram atrás da gente um carrinho, um Chevette, tinha sido da Polícia Militar e era uma época em que a Polícia Militar tinha no Chevette um plástico redondo grande, assim, com as armas da PM. O Chevette era azul e tinha... A pintura tava toda queimada, menos os lugares onde tinham o plástico. Eles tinham tirado o plástico, mas a tinta embaixo do plástico estava com o polimento original, então, era aquele Chevette azul fosco com duas bolas brilhantes uma em cada porta, absolutamente visível. Este bichinho seguia a gente onde quer que a gente tivesse. E o Gargaglione só me chamava de presuntinho. Eu já era meio gordinho, não era como hoje, mas já estava ganhando corpo. Até então tudo bem. Um dia chega ele para mim - você estava falando em ameaça - pra mim e para o Heraldo e descreve a rotina dos nossos filhos. Aí deu medo, né? E nós aí sabíamos que ele morava na Praça Seca, fomos jogar sueca na Praça Seca e ficamos uma semana lá jogando sueca até descobrir onde ele morava. Aí fomos para a casa do Gargaglione quando ele não estava, ficou de campana, ele saiu: "Ah o Gargaglia tai?" - "Não, ele saiu." - "Não, somos lá da..." Aí a mulher muito simpática, senhora simplória mandou a gente entrar... Ele tinha duas filhas, chegaram as filhas. Quando o Gargaglioni entra na casa e vê a gente na sala dele, ficou puto, sabe, doido. Aí disse: "Gargaglia, simpática a sua família, muito simpática! Vamos lá fora? Tem um casinho para a gente resolver." Aí a gente chegou lá e disse: "Olha, filho da puta, o negócio é o seguinte: para a gente vale

tudo, mas não mete a família no meio.” E ele não sabia... Ele sabia que o Sérgio estava com a gente e sabe também que o Sérgio era armado até os dentes, que os sargentos dele eram armados até os dentes. Certamente o Sérgio não faria nada contra as filhas do Gargaglioni, mas o Gargaglioni não sabia disso, então, a gente disse: “Olha, o que você fizer com os filhos da gente a gente pode fazer com os seus, então, meu querido, vamos combinar uma coisa? Vale tudo com a gente, mas família está fora, está bom? É coisa de macho, família não entra.” – “Não, eu estava brincando, Presuntinho.” “Tá bom, você tava brincando, mas ninguém gostou dessa brincadeira.” E ficou por assim mesmo o nível de ameaça... E uma vez ficamos eu e Heraldo uma noite inteira na Avenida dos Bandeirantes, na estrada dos Bandeirantes, diante de uma padaria para uma operação de manjamento. Ele marcou um encontro com a gente, nós ficamos três horas esperando, isso era meia-noite e paravam, os caras olhavam para a gente e falei: “Todo o esquadrão da morte da Polícia, a essa altura, já conhece a nossa cara.” Os caras paravam, olhavam ostensivamente e iam embora. Falei: “mais um, mais um, mais um.” Só que nós ficamos seis meses com essa matéria, mas o que a gente fazia? O presidente da Ordem dos Advogados era o Nilo Batista naquela ocasião. A gente fazia um dossiê diário, contando tudo o que aconteceu naquele dia e com quem a gente falou e qual é, o que pode acontecer em função disso. Uma cópia para o editor, para o Walter, outra cópia ficava com a gente e a terceira ia para OAB. Isso a gente fez uma propaganda danada disso, quer dizer, no meio, no “*torturódromo*”, vamos dizer, porque a gente começou a conhecer as pessoas, entende? Acabamos falando, fazendo entrevista com o General Fiúza de Castro, que foi o comandante do DOI-Codi [Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna] para a turma toda aprender como é que foi instituída a tortura no Brasil, que nasceu com os ingleses, que ensinavam os métodos de tortura mais científicos e sofisticados de um livrinho verde que tinha para combate à guerrilha do IRA [Exército Republicano Irlandês] e coisas assim que a gente ficou aprendendo.

**Fritz, só que antes de falar da Dona Lida [Monteiro da Silva], o caderno especial sobre o Rubens Paiva, de que ano que é?**

Eu acho que é de 1974, só vendo mesmo, isso eu vou ficar te devendo. O problema é que eu não tenho o material, minha mãe colecionava esse negócio todo e por incrível que pareça eu não tenho um recorte meu, quer dizer, a única coisa que eu passei a guardar, depois, recentemente, foi quando eu passei a escrever artigos e crônicas, das reportagens eu não tenho. Mas o título é... Tem um “negocinho” com a cara dele e diz: “Quem matou Rubens Paiva?”

**Mas você tem lembrança se é ainda no governo Médici ou se já é no governo Geisel?**

Não, não. Já é do Governo Geisel. Não é no Governo Médici.

**E a repercussão do JB [Jornal do Brasil] dar um caderno desse todo?**

Foi grande na época, porque o caso... Aí discuti, foi aquela zona toda, vai para o Congresso, vem e volta... Ficou semanas. Inclusive porque tinha algumas pequenas armadilhas. No texto... Jornalista, às vezes, tem umas safadezas que a gente tem que fazer. Quando o caso Rubens Paiva foi pro Conselho dos Direitos da Pessoa Humana... Conselho dos Direitos Humanos... Houve uma votação inicial e o caso foi arquivado com o voto de um dos membros do conselho que era Benjamim Albagli, que era um educador, uma pessoa muito séria, muito decente. E a gente sabia. E o Pedro Calmon tinha convencido o Albagli. E o Albagli... Eu tinha certeza que o Albagli estava arrependido daquilo, aí eu coloquei uma maldade pra ele. Disse: "O Albagli tinha hesitado em votar, mas depois ele tinha, vamos dizer, se acomodado e votou etc. e tal...". Eu disse para o Heraldo: "Olha, eu tenho certeza que o Albagli vai reagir." Isso foi num domingo de manhã cedo, eram umas 6 horas da manhã, toca o meu telefone de casa, era o Albagli aos prantos, querendo falar. E aí ele explica a situação, o que aconteceu, entende... E aí a gente vai ao Pedro Calmon que depois, chega uma hora e diz assim: "Bom, alguém está mentindo aqui. O senhor quando diz que não sabia - porque ele nega - e que não tinha tortura, não sabia que tinha tortura." Eu falei: "Olha, eu sinto muito, o senhor na época era reitor de universidade, foi uma pessoa sempre ligada dentro da política, não é possível que o senhor não soubesse, porque o Brasil inteiro sabia. Eu sabia! Como é que o senhor não ia saber? O senhor, certamente, sabe muito mais do que eu sei." Entende, não sabia disso daí. Então, todos os casos, a história repercutiu na ocasião, na época, mas obviamente, como tudo, terminou como o Riocentro. Terminou como terminou o caso da Dona Lida. Exatamente da mesma maneira. O Ronald Waters acabou garantindo que ele não pôs a bomba, ele deve ter posto a bomba. Foi uma coisa curiosa porque ele tinha desaparecido e eu localizei o Ronald Waters numa cabana em Sepetiba, no meio do mato, porque eu fui falar com a filha dele e eu descobri que a filha odiava o pai por causa desse negócio e ela me entregou onde ele estava e tudo. E a gente foi para o meio desse mato, eu tinha o Ronald Waters que aí queria dinheiro: 10 mil dólares. Aí eu disse: "Por 10 mil dólares você vai me contar o quê? Que você botou a bomba?" Ele falou: "Não, não vou! Não botei a bomba!". - "Bom, isso você me diz de graça, eu não pago por isso." Sabe, tipo numa farra, dizendo... Mas havia um grupo ali, do qual ele fazia

parte, de pessoas de extrema direita, que inclusive botaram bombas na exposição da União Soviética, ainda no tempo do governo Carlos Lacerda, antes do golpe e que foram os caras que mandaram a bomba lá pra OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], que matou a Dona Lida [Monteiro da Silva]. Mas aí, vários casos que a gente cobriu, nessa área específica, seja políticos ou não políticos... Teve um caso de um cara chamado Aécio... Não o Aécio Neves... Aésio, aliás – não Aécio – que foi, também, assassinado igualzinho ao Vladimir Herzog, que a gente não cobriu porque era em São Paulo, mas a mesma posição, enforcado, aquela coisa e nesse caso o Albagli, que já... Continuava no Conselho de Direitos da Pessoa Humana, ele resolveu fazer daquele caso a sua redenção. Ele levou o negócio realmente até praticamente... Os policiais foram pronunciados e tal, rendeu uma série... Mas ninguém realmente acabou entrando em cana ou pagando por essa coisa. Até hoje essas contas estão todas abertas. É uma coisa muito chata. Não é porque nem você dizer que tenha que ter castigo. Na Argentina e no Chile, por exemplo, está tendo. O general [Manuel] Contreras, por exemplo, que era o homem da DINA [Dirección de Inteligência Nacional], o homem forte da repressão do Pinochet, está em cana. Os ex-presidentes argentinos, [Jorge Rafael] Videla; o [Leopoldo Fortunato] Galtieri estão presos e na Argentina a gente pode ainda entender porque na Argentina, os militares se envolveram numa guerra nas Malvinas e perderam o diabo da guerra, portanto, perderam toda a moral. A Margaret Thatcher, muito a contra gosto, prestou um enorme serviço à democracia latino-americana. Mas no Chile não foi assim. No Chile, foi parecido com aqui. Os militares se retiraram por cima, ainda dentro do poder. No Brasil o [general Adir] Fiuza me disse isso. Disse: "Você.. Não imagine que você vai fazer?" – O Fiuza, o ex-comandante do DOI Codi – "Você não vai fazer nada porque nós ganhamos essa guerra. Agora, nós estamos saindo porque queremos". Eu disse: "Não totalmente..." – "Não, nós estamos saindo..." – "Tá bom, tá bom." – "General" - eu disse para ele: "Meu caso não é fazer... Eu não sou juiz, não julgo. Eu sou jornalista. Eu quero saber o caso, como é que foi, só isso. Eu só quero saber quem fez o quê e mais nada. Eu não julgo, não faz parte das minhas atribuições, eu não tenho mandato para isso. Eu não tenho mandato pra julgar, pra condenar, mas pra contar história eu tenho. Então, eu quero saber o que aconteceu e essa história não está sendo contada até hoje. O que foi feito com o pessoal da guerrilha do Araguaia? Tudo bem, morreram? Tá Ok, morreram. Se morreram em combate, morreram em combate, escolheram seu destino. Se morreram torturados, não podia ter acontecido isso. O Estado não tinha esse direito. Pela convenção de Genebra não tinha esse direito. E se mataram por tortura e esconderam o corpo, muito menos esse direito ainda tinham, de não devolver o corpo...". P..., meu pai morreu na Polônia, em território inimigo e tem

um retrato no túmulo dele, com a cruz, o nome, etc. Podiam ter todo o direito de pegar e jogar no lixo e dizer: "Esse alemão está nos invadindo..." E olha que os alemães na Polônia fizeram poucas e boas.

### **O que foi o caso Misaque-Jatobá?**

Aí foi um caso comum, um crime comum. Simplesmente um caso de drogas, esse tipo de coisa assim, lá em Niterói, que tinha um camarada que chamava-se Misaque, que era um operário de construção que viu quando o Jatobá foi levado. O filho do Jatobá, que era o Luiz Jatobá, que era um locutor. Ele tinha um filho que era meio porra louca que, de repente, some, foi assassinado. Eu não lembro nem mais agora quem foi o bandido que o matou, que o sumiu. Mas o Misaque ficou muito tempo em Copacabana, de repente, me ligam do jornal dizendo: "Olha, tem um maluco aqui que diz que viu o Jatobá, não sei mais o que... Tá num boteco aqui." Eu falei: "Caceta". Aí peguei o carro do jornal, fui lá e peguei o cara, ele estava de sunga só – o jornal inclusive não queria deixar eu entrar – na sede nova, lá na Avenida Brasil. – "Não pode entrar assim." – "Mas não pode entrar assim, p...? Esse cara é testemunha de um crime!" – "Ah, não pode..." Eu falei: "Tá bem. Então, você vai fazer o seguinte: você vai me dar o seu nome, eu vou deixar ele na porta do [jornal] *O Globo*, que lá ele vai poder entrar e amanhã quando perguntar o porquê que *O Globo* deu e a gente não deu, eu vou explicar que você não deixou eu entrar com ele aqui no jornal." Aí entrou. E nós escondemos o Misaque durante uma semana porque ele nos contou o crime todo como é que foi, ele foi testemunha. Só que ele fugiu. A gente disse: "Não sai daí. Estávamos em uma casa em Niterói. – "Não sai daí, fica aqui." E a gente levava comida para ele e tal. A gente queria que ele depusesse na Polícia, nós estamos com essa testemunha. E aí foi muito engraçado porque *O Globo* estava louco atrás do Misaque, porque todo dia o *Jornal do Brasil* dava matéria e *O Globo* não estava dando nada. Mas o Misaque fugiu e foi pra onde? Exatamente pra Itaipuaçu, onde tinha desaparecido... Onde estava... Caiu na boca do lobo. Começou a falar de novo, sumiu, desapareceu. Sumiu. Não tenho a menor idéia... Deve ter... Deve estar junto com o outro, entende, no fundo de uma lagoa dessa de Piratininga, o diabo a quatro... Sumiu... Teve 'N' coisas nessa linha assim, mas eram coisas que não tinham importância política, eram fatos de polícia, mas ligados sempre a desaparecidos, direitos humanos, uma área que a gente fez durante muito tempo e que... Por exemplo: a matéria do Rubens Paiva deu a mim e ao Heraldo o primeiro prêmio Vladimir Herzog de direitos humanos. Na época eu fiquei sabendo semanas depois que tinha ganho porque o prêmio era praticamente clandestino. Hoje ele é entregue com pompas e honras. Eu ganhei o segundo prêmio Vladimir Herzog quando eu fiz a matéria com o

Caco: "Riocentro – 15 anos depois". Esse foi entregue no Parlamento Latino, muita solenidade com governador, etc. e tal, mas eu me lembrei do primeiro que era um troço: "Ah, eu ganhei o prêmio? Obrigado! Tchau! Não conta pra ninguém não!" – quase assim. Hoje, agora é que eles estão... Inclusive a ONU [Organização das Nações Unidas] vai escolher, em votação entre o pessoal que ganhou, os cinco jornalistas que mais se destacaram na defesa dos direitos humanos e vão votar no Caco. Para contar a história desse prêmio, que é uma prêmio especificamente dessa área. E o Riocentro deu um [prêmio] *Esso* ao JB [Jornal do Brasil] e o segundo eu ganhei quando eu voltei pro Jornal do Brasil, na minha segunda passagem, com a primeira página que foi aquele caso do sequestro do ônibus no Jardim Botânico, o 174.

**Você falou da cobertura da revolução na Nicarágua. Como que foi essa cobertura?**

Eu cobri o início disso. A revolução da Nicarágua começou o levante Sandinista quando mataram o Pedro Joaquín Chamorro, que era o editor e o dono do La Prensa, que era o jornal de oposição da Somoza, que estava já no poder há muito tempo. Eu sei inclusive porque ele foi assassinado no dia 10 de janeiro e eu faço aniversário nesse dia. Mas uns dez, cinco dias depois começou uma confusão lá e aí o jornal me chamou, me mandou ir para a Nicarágua. Falei: "Tá, vamos embora!" Fui para Nicarágua, cheguei lá, tinha uma greve geral dos jornalistas, um começo de insurreição. E era aquela situação em que todo mundo, – não digo a direita – mas o empresariado, a igreja, todo mundo contra o [Anastásio] Somoza e uma situação estranhíssima. Assim, primeiro eu cheguei na Managua, eu cheguei lá uns 10 anos depois do terremoto e a cidade estava totalmente destruída ainda. No centro nada tinha sido reconstruído. E foi aquela coisa, foi uma cobertura de guerra. Começou alguns embates entre os sandinistas, que se levantaram e a gente foi pro interior, uma saia... Não sei se vocês viram um filme chamado "*Underfire – Fogo Cerrado*" – eu acho – com o Nick Nolte. É aquilo ali: um carro. De repente, vem aquilo assim: "La guardia!". Primeiro dia, eu cheguei, desembarquei em Managua, horas depois eu estava dentro de uma igreja, numa vila, numa favela chamada Villa Rigüero em Managua e os padres que liam as notícias que os jornalistas apuravam, porque a imprensa toda estava fechada, estava em greve, com excessão do jornal oficial, que ninguém lia e o pessoal se reunia para passar informações, inclusive atos contra o Somoza e, de repente, vem aquele negócio, o pessoal... Aí nos apresenta: "Aqui nostros companheiros, nostros companheiros de Mexico – geralmente eu sempre ando com os mexicanos, a afinidade é muito grande – e companheiros del Brasi.l" E o pessoal todo batendo palma e daqui a

pouco chega um cara e diz: "La guardia!" – a guarda que era a guarda nacional do Somoza, que eram uns assassinos, né. "Os caras estão aí fora, podem invadir. Invadiram uma igreja outro dia, mataram... É bom vocês irem embora". Eu falei: "Nós não vamos embora, eu vim aqui pra testemunhar, não vou embora. Aliás, a única garantia que vocês podem ter é a gente estar aqui" – ainda não tinham matado jornalistas, depois é que eles mataram o americano – "nós vamos ficar aqui. Eu vim aqui pra isso". Terminou o negócio, a guarda estava do lado de fora, não entrou na igreja. Certamente souberam que tinha jornalistas, aí os padres: "Oh, não aceitem provocações, saiam em pequenos grupos, se dispersem e tal...". Aí é que dá medo. Que aí você sai no meio de uma favela que você não conhece, cheio de caras esquisitos e você tem que sair dali, né, quer dizer, não tem que ficar ali. E foi uma coisa muito curiosa, quer dizer, a gente passou por uma situação parecida com essa do Sérgio [Macaco], no meio, estar com um carro assim, de repente Guardia e Sandinistas começar a trocar a trocar tiro e gente no meio. Aí dizendo: "Periodista! Periodista! Periodista!", aí parou. Aquele negócio, os Sandinistas aproveitaram e se mandaram. A gente foi á casa do [Augusto César] Sandino, vendo, entrevistando todo mundo, Arcebisto, a casa toda e eu terminei entrevistando o Somoza e foi uma das coisas mais curiosas da minha vida, porque o Somoza tinha uns porta-vozes americanos. Ele contratou uma empresa chamada Wolfson e Mackenzie, uma empresa de relações públicas de Nova York pra servir de assessoria de imprensa. Agora você imagina, você estar naquela situação... Eu vi uma cena, dois dias antes, num posto de gasolina em que tem um pessoal que está reunido com um jeito meio hostil e salta um pessoal – que era como se fosse, não é um "caveirão", mas era como se fosse um choque da Polícia – com correntes e batia no povo com corrente. E o jornal inclusive não entendeu. Quando eu li a materia eu falei: "P...! Eles trocaram corrente por porrete". Porque acharam que corrente era... É muito mais selvagem você bater em alguém com uma corrente do que... Porque a corrente é aquela coisa, é uma corrente grossa. Os caras batiam... E eu comecei a ficar puto com aquele negócio, aí tem uma mulher que chega aqui pra mim e diz assim: "Não faz nada!" Eu fiquei assim quieto e ela me disse: "Esse filha da puta aí, semana passada matou o presidente da ordem dos advogados daqui só porque estava exatamente numa situação dessa, num posto de gasolina, o carro do advogado estava parado, ele veio por trás e bateu com toda força no carro do advogado, o advogado saltou pra tomar satisfação e tomou um tiro na cara". Esse cara foi um cara que, depois, uma guerrilheira matou ele. Amancebou-se com ele e matou quando estava dormindo. Era um chefe de polícia lá da coisa. Aí eu vou embora de Managua, tem que entrevistar o Somoza. Aí está lá o Mr. Mackenzie. Chega lá: "Mr. Mackenzie." E eu em espanhol: "*Yo quisiera hacer una entrevista*

*com el signor Somoza, el Presidente* – “Usted, de donde és?” – “Eu sou do Jornal do Brasil”. Ele disse: “Bom, mas o senhor fala muito bem espanhol”. De fato eu falei espanhol antes de falar português e eu: “Bom, falo e tal...”. – “Você sabe que o seu jornal fala muito mal do nosso presidente?”. Aí eu, as vezes não se segura e disse: “Seu Mackenzie, o senhor cometeu dois erros nessa frase: não é meu jornal e muito menos nosso presidente”. Aí, quando eu acabei de dizer isso eu disse: “Me f...! Idiota! Imbecil! Como é que você vai dizer um negócio desses para um cara que você está querendo uma entrevista! P...! Cretino! Cala a boca, conta até dez...”, mas o gringo gostou da impertinência e disse: “Esteja aqui às três horas da tarde hoje”. Aí tá bom. Três horas da tarde eu estou lá, saímos do Hotel Intercontinental, em Manágua, e entramos num estádio de futebol, parecia um pouco São Januário, assim, meio arruinado. Entra na arquibancada, como se fosse pro vestiário, desce e era o gabinete do Somoza, era um *Bunker*. Eu, de repente, sou deixado sozinho numa sala toda acolchoada com um retrato do pai dele, a bandeira da Nicarágua, o mapa da Nicarágua, a mesa de trabalho dele, umas poltronas pra sentar e, em cima da mesa, uma pilhazinha de Jornal do Brasil. Eu falei: “Esses gringos são competentes. Putz grila! Uma pilha de JB aqui em cima”. E a tentação maior, tinha muito papel em cima da mesa, é de olhar os papéis. O jornalista se você deixar, num escritório com papel, ele vai querer ver. Mas eu disse: “Não! Eu estou sendo filmado. Impossível que isso aqui não esteja sendo filmado. Eu não vou, como se diz, roer minhas unhas pra dar uma olhadinha, até porque eu não devo entender nada.” Não porque espanhol, mas porque não me diz respeito, sei lá que... Ele não vai deixar: “mandei matar cinco pessoas”, não deve estar escrito na mesa dele. Sentei, comecei a folhear as revistas que estavam em cima na mesa do centro, aí entra o Somoza e me dá um esporro de uma hora, dez minutos de esporro: “O jornal... Essa é maior democracia do mundo...” E eu há essa altura: “1, 2, 3, 4, 5, 20, um milhão”. – “Terminou?” – “Terminou.” E eu disse: “Bom senhor presidente, o problema é o seguinte, eu posso só lhe dizer eu posso transmitir aos redatores do meu jornal o seu recado pra que venham viver aqui na Nicarágua, se aceitar ou não é problema deles, mas eu estou aqui exatamente com uma missão: ouvir o seu lado. A única coisa que eu posso lhe garantir é que o que senhor me disser, eu ponho no jornal. Só isso. Então, o senhor está dizendo que a gente não lhe ouve, estou exatamente aqui dentro do seu gabinete, no seu território pra que o senhor me dê a sua versão. Aí seguiu uma hora mais ou menos a entrevista, penosíssima, porque ela era um bandido esperto. Para se ter uma idéia do Somoza, o Somoza tinha um retrato, mandou botar um busto na praça central de Manágua – que aliás é parecida com a que tem em Lisboa também – um busto do pai dele. Mas não era o pai dele, era o [Benito] Mussolini. Quando

terminou a Segunda Guerra Mundial, na Itália, derrubaram todas as estátuas do Mussolini, o cara foi na Itália, comprou uma daquelas estátuas e botou em cima o Mussolini, dizendo que era o Tacho Somoza, que era o pai dele. Em Portugal, se você for, você vai encontrar uma estátua de D. Pedro I, que seria D. Miguel – D. Pedro IV – que não é D. Pedro IV, é o imperador Maximiliano do México, não tem nada a ver com D. Pedro IV. Não é o D. Pedro I. Você conhecendo o D. Pedro I, olha e diz: “Esse cara aí não é o D. Pedro I!” E é o Maximiliano. Foi mais ou menos parecido: o cara chegou lá, achou a estátua, achou bonita, parece, bota em cima. Mas a entrevista era uma coisa penosa e ele fugia de todas as perguntas, acusou, obviamente, Cuba de ter fomentado isso, disse que o Sandino praticamente tinha se matado, coisas desses gêneros. A última pergunta – eu me lembro bem da última pergunta – porque ele falava, entre as coisas que ele não podia, que ele não tinha feito, era a reforma agrária, não tinha distribuído terras. Eu falei: “Mas os seus inimigos dizem que a Nicarágua é uma fazenda que é sua. Quer dizer, seria fácil o senhor distribuir. E, aliás, por falar nisso, seu presidente, existe nesse momento, uns vinte ou trinta camponeses estão ocupando a sede da ONU aqui em Managua, a representação da ONU, protestando contra o seu governo que o senhor teria feito desaparecer várias centenas de camponeses.” Aí ele olha para mim assim e fazia assim... E dizia: “*Pois porque non se van a los tribunales?*” Aí eu virei para ele: “*Mas señor presidente, los tribunales...*” Aí ele: “*Usted non confia en nuestros tribunales?*” Aí eu disse assim: “*Señor presidente, estoy satisfeito. Muchas Gracias.*” Eu vou falar o que para ele? Pega o seu tribunal e... Então, encerrou-se aí a entrevista e no dia seguinte eu estava na República Dominicana, minto, na Costa Rica, que tinha acabado de eleger o presidente. A Costa Rica é um paizinho fantástico. Não tem exército porque, em 1948, Don Pepe Figueres dissolveu o exército da Costa Rica. Não precisa de exército. Dissolveu o exército e o paizinho é único, democrático, vive bem e tal. Se você conhecer é uma gracinha de cidade. Botei as coisas na mala e disse: “Vou entrevistar esse cara.” Entrei no taxi: “O Senhor sabe onde mora o presidente Rodrigo Carazo.” – “Sei” – “Então vamos lá.” Uma rua de classe média, gente pra burro na porta da casa dele. Eu chego: “Senhor Presidente, parabéns pela sua eleição. Sou Fritz Utzeri do *Jornal do Brasil*, vim do Rio de Janeiro exclusivamente para uma entrevista com o senhor...” – “Ah sim, um momento por favor”. Me deixou numa biblioteca dele e disse: “O senhor me espera aqui uma meia hora, por favor, tenha paciência.” – “Pois não, tranquilo”. Meia hora depois chegou, entrevista, bonitinho. Eu falei: “Pô! Mas que diferença!” Sabe, você chega num país, nunca tinha acontecido de chegar num país e em quarenta minutos que você está num país está conversando com o presidente da

república. As viagens – ih! – a barra pesada que era o Fidel, que era da Isabelita da Argentina, mas enfim...

**Eu gostaria que você contasse um pouco sobre sua experiência em Nova York e em Paris.**

Eu em Nova York, eu... Bom, quando eu voltei para o Jornal do Brasil, quer dizer, quando eu... Depois do caso Riocentro, etc e tal, eu percebi que eu já estava há muito tempo no JB [Jornal do Brasil] e eu não queria ficar muito tempo. Estava já há 13, 14 anos. Eu tinha dito: "Ah, fica 10 anos, depois muda, senão cria lima. Vem o cara do patrimônio e põe aquela etiqueta, click, click". Eu recebi um convite da *IstoÉ* pra chefiar a sucursal de Brasília, coisa que eu nunca quis fazer, Brasília era um horror pra mim. É uma cidade que só tem política e você tem que fazer uma certa cumplicidade com os políticos, senão você não vai, não tem jeito. Não tem notícia. Não tem outra coisa, é uma capital que só vive daquilo. E fica aquele ti-ti-ti da corte, a sub-comissão disso, não sei mais o que, o senado... O noticiário, o interesse do país mesmo, zero. E um ambiente horrível, não queria de jeito nenhum, mas aproveitei a chance pra ver se conseguia sair do jornal, fazer outra coisa, sabe, chutar o pau da barraca. Estava de saco cheio. Já tinha sido secretário geral do sindicato dos jornalistas, tinha causado 'N' problemas pro Walter [Fontoura] mesmo, mas nunca parado de trabalhar, então, por conseguinte continuava no jornal e achando que o jornal teria o maior prazer em me mandar embora. E quando eu disse isso o Walter olhou e tal... Eu falei com ele e com o Paulo Henrique Amorim, que era o outro secretário da redação e, pra minha surpresa, o Paulo Henrique foi conversar com o Walter, o Walter chamou o Paulo Henrique e volta e diz: "Olha Fritz, o Walter tem uma proposta pra você. Não sei o que que é". E ele disse: "Olha, nós estamos sem correspondente em Nova York, se você quer ir pra Nova York pra ser o nosso correspondente". Eu falei: "Bom, diante disso, a recusar-se, volta, esquece tudo o que eu disse, claro que eu topo! Evidente que eu quero ir pra Nova York ser correspondente". E fui. Fui eu e minha mulher. Ela, inclusive durante todo o período conseguiu trabalhar lá, foi professora visitante da Cornell, da *New York University*, trabalhou em Paris no *Pasteur*. Mas eu levei os meninos pequenos inclusive, foi uma coisa fantástica, porque eles foram pra escola, viveram a vida tanto na França como nos Estados Unidos, o que deu um diferencial danado. Você imagina alguém que chega em Nova York, em Manhattan e, de repente, com já uma boa carreira na mão, que, de repente, começa tudo de novo. Você não sabe nada. Nos primeiros dias que eu cheguei eu tinha certeza que eu não falava inglês, porque a televisão eu não entendia. Entendi com uns 15 dias eu comecei a entender a televisão. Porque é diferente, é uma coisa quando você diz:

"*The book is on the table*", e tal. Quando você escuta o sujeito mesmo falando assim... E lá principalmente usa muita gíria, uma coisa muito largada, então ficava uma coisa de doido. Enfim, mas eu, de qualquer forma, me dividi em Nova York entre duas coisas. Bom, você está em Nova York, você está no centro do mundo. Você imagina, eu estava com 38 anos, de repente, morando em Manhattan. Tinha uma cobertura, tinha um terracinho do qual eu via o Chrysler Building, o Empire State, de noite era uma glória. Mas era um desafio, porque você nos Estados Unidos, você como correspondente, você não tem grande importância. Eu passei até a ter uma certa importância aos brasileiros por uma outra razão, que aconteceu exatamente em 82, quando eu cheguei em Nova York, que foi a crise da dívida. A falência do México e o Brasil foi embora... Bom, obviamente nesse negócio de dívida a gente é rei, então comigo eles falavam. Mas, fora isso, por exemplo, o governo, você pega o terceiro sub-secretário, que vai falar contigo. Não tem a menor possibilidade... A não ser que alguém venha visitar o Brasil, mas fora isso... E mesmo assim em Nova York não, isso é em Washington e a gente tinha um correspondente em Washington. Então eu ficava, digamos assim, trocando muito... Divido entre duas coisas. Eu nunca tinha escrito nada sobre economia. E, de repente, eu chego em 82 em Nova York, explode a crise econômica da dívida, explode tudo, o sistema financeiro vai pro brejo e eu costumo dizer que eu aprendi navegação a bordo do Titanic, porque aquela meleca toda está afundando e eu to ali, tentando entender o que está acontecendo e tentando escrever de forma que o leitor também entenda e perceba alguma coisa. O que é complicado. Aí nós estamos novamente naquele caso agora do mosquito lá, só que eu não sabia as palavras. Eu não sabia mais *Aedis*, *Anopheles* e '*Culex*', não. O negócio era economês, banco, finanças, *spread*, *bridge loan* e era uma loucura. Aí eu dividi minha cobertura... A minha cobertura ficou dividida entre duas coisas: a crise da dívida, banqueiros, delfim, a gente fazia gato e sapato desses três. Era eu, Milton Coelho da Graça, mais outros coleguinhas, inclusive Paulo Francis, a turma toda conhecida em Nova York, essa galera toda e cobria a dívida que era um saco, mas era absolutamente fundamental, porque era uma coisa que... E obviamente Nova York. Broadway, luxo, aquela coisa. Eu tinha inclusive um fotógrafo, que mais tarde foi fotógrafo do Collor, bom fotógrafo, boa gente, ele era fotógrafo oficial, estava em Brasília. Era o Ubirajara Dettmar. E o Dettmar ele era fotógrafo vira-lata, de rua. Aí telefonava pra minha casa dizendo assim: "Fritz! Peguei um mendigo pelado na esquina da 57 com 5ª avenida!", eu falei: "Dettmar, o Brasil está cheio de mendigo pelado! Você acha que eu vim aqui pra Nova York pra fazer matéria de mendigo pelado? Aqui são os vendedores de ilusão. O pessoal tá aqui pra ver luxo, show da Broadway, entende? A Madison Avenue, as grandes modas, as artistas de

Hollywood, Michael Jackson, o diabo a quatro que fosse! Mendigo pelado! Não me enche o saco com mendigo pelado”. Mas era uma coisa que se dividia entre o noticiário duro, da economia, que a gente tinha que cobrir e eu passei, digamos 2/3 do meu tempo em Nova York fazendo isso e facinho Manhattan. Manhattan no verão, o que está acontecendo, a programação, a Broadway, o musical, as entrevistas que se faziam, por exemplo, quando tinha um grande lançamento de filme, que tinha entrevista com todo esse pessoal de cinema, Woody Allen... Não que você conseguisse exclusivas, que isso não acontecia. Conseguia algumas coisas assim, mas sempre alguma coisa de alguma forma que estivesse ligada ao Brasil. Porque do contrário você ia no bolo mesmo. Não tinha jeito... Na França eu consegui, na França você já tinha mais importância, nos Estados Unidos não. Mas em compensação também nos Estados Unidos, os setores com o qual você se relacionava que não tinha charme algum, mas por exemplo, banqueiro, esse tipo de coisa, o americano, se você liga pra ele, o cara tá em Oslo, a secretária liga pra ele e o cara te liga da Suécia ou da Noruega e diz: “Oh, estou aqui, o que que você quer e tal...” e nunca te desvia do objetivo. Tinha, por exemplo... Tem coisas que só acontecem nos Estados Unidos. Lá, mentir é a pior coisa que você pode fazer. Então as pessoas em geral não mentem, nesse nível, quer dizer... Mentiu pra burro Bush agora com esse troço, foi até meio desmoralizador pra própria imprensa americana, inclusive é a razão pela qual ele está destruído politicamente. Mas te pegarem na mentira, você sabe que o protestante é aquela coisa: não tem padre pra absolver, é diretamente com papai do céu. Então o quê que acontece? Tem uma cena num filme, aquele “Todos os homens do Presidente” que seria impossível no Brasil. Um deles, não sei se é o Bob Woodward ou o Carl Bernstein liga pra um sujeito que está acusado de corrupção e pergunta ao cara se ele roubou, se ele é corrupto. Uma pergunta que eu nunca faria pro Delfim Neto ou alguém uma pergunta desse tipo. Direto assim o cara vai me mandar passear, etc e tal. E pior ainda: o cara diz assim – o cara não diz nada – e diz: “eu vou contar até dez e se você ainda estiver aí quando eu disser alô, é porque você tá realmente envolvido nesse caso de corrupção. E conta até dez e diz alô e o cara responde do outro lado. No Brasil o cara tinha desligado o telefone antes do cara contar um. Mas, no Brasil não tem polígrafo, aquele detector de mentira, porque você mente e não altera em nada, o seu electrocardiograma continua bonitinho. Lá o cara fica com medo, então aumenta a pulsação, aumenta a respiração. Então, o que que acontecia: às vezes o banqueiro ligava pro sujeito e dizia: “Olha, eu tenho essa e essa informação. Vamos combinar o seguinte: eu vou perguntar pra você se você apostaria nisso ou não. Se você diz que aposta eu continuo. Se você disser que não aposta eu abandono a hipótese”. E os caras cumpriam realmente o troço. Eles não me diziam

nada, eles apenas me confirmavam o que era verdade ou não daquilo que eu sabia. Então... Um ano depois eu estava fazendo palestra pra banqueiro no *Union Club*, falando de economia e tal, e o Paulo Henrique quando eu cheguei aqui disse: "Pô, você virou um craque! Você nunca imaginou que fosse entender tanto de economia". Eu disse: "Paulo Henrique, sabe o que curiosamente está acontecendo?", ele disse: "Não" e "Eu continuo não entendendo p... nenhuma de economia, mas to muito tranquilo porque o que eu descobri nesse ano foi que ninguém entende. Nem eu, nem os banqueiros, nem você, nem ninguém. Porque esse negócio, eles erram tudo! É uma loucura! Diga lá o que você disser." E eu passei praticamente quatro anos em Nova York assim. Não houve nenhum, pra meu azar - obviamente não sou tão deformado assim -, mas pra meu azer nenhum avião bateu no *World Trade Center* - e eu até não gostava daquelas torres, esteticamente acho que foi... Mas não bateu avião no World Trade Center, não aconteceu nada que eu me lembre de que merecesse... A não ser viagens do [João Baptista] Figueiredo, coisas desse gênero, coisas Brasil. O período que eu passei foi a eleição do Walter... A eleição não, era o Ronald Reagan, então falava muito do "Reaganomics", mas a política americana era coisa do Armando Ourique que era correspondente em Washington. E muita economia e muita badalação. Muita gente que brilha, entende, mas nada de muito consistente que você diga: "P..., esse aqui realmente valeu a pena". As pessoas ficavam fascinadas porque você fazia matéria e as vezes dizia: "Pô, vendi a mobília da minha casa para vir pra Nova York por sua causa", porque você descrevia o que ia acontecer naquele negócio e realmente Nova York é fascinante. Agora que, um tempo depois, quando chegou em 1985, no fim de 1985, me telefonam do jornal e me dizem que eu vou sair de Nova York. Que tem que sair de Nova York e que tinham duas propostas pra mim: uma que era pra ganhar muito dinheiro e a outra não. Eu disse: "Tá bom, qual é a pra ganhar muito dinheiro?", "Vai pro México, você vai ganhar mais do que ganha em Nova York, o dólar está valendo uma baba no México, prepara a copa do mundo" - a segunda que teve, não a de 70, a outra - "você vai, cobre, fica no México como correspondente". Falei: "Tá bem. E a outra? Qual é a outra?", "A outra é Paris". Eu falei: "Olha, uma das razões pelas quais eu sempre quis ser rico é poder um dia morar em Paris, então se a gente puder queimar etapa, esquece a p... da riqueza e vou direto pra Paris!". E não teve dúvida. Fui pra Paris, onde passei provavelmente os quatro melhores anos da minha vida, porque a cidade é absolutamente fascinante, a gente tem mais importância, entrevistei o [François Maurice Adrien Marie] Mitterrand, entrevistei um bando de gente, ministros, descobri gente, por exemplo, como o... Aliás, entre algumas pessoas que são famosas hoje aqui no Brasil, as primeiras notícias que teve - de Nova York foi o Gerald Thomas, tem

gente que não me perdoa até hoje por causa disso – e o Sebastião Salgado em Paris. Porque eu tinha um critério muito claro pra brasileiros no exterior. Se fez sucesso na Embaixada Brasileira ou na galeria Debret ou se apresentou um espetáculo cheio de brasileiros batendo palma, não me interessa. Tem que fazer sucesso com os nativos lá. Então, por exemplo, no dia em que o Clive Barnes, o crítico mais duro de teatro do New York Times dá meia página no *New York Times* botando o Gerald Thomas lá nas alturas, com o espetáculo do Beckett que fez com a filha do Ziraldo, a Daniela [Thomas], o cenário era maravilhoso e eu disse: “Tenho que ver este cara!”. O Sebastião Salgado eu abro o *Le Monde*, que não publica foto e tem uma página dupla com fotos e texto e material sobre o Sebastião Salgado, eu falei: “Este cara aconteceu na França”. Trabalha na agência Magnum. Não é exposição de pintor mineiro na galeria Debret assistida pela colônia brasileira... Não, babau, fez sucesso aqui. E em Paris, putz, um volume de gente aí era... Porque aí eu tive muito menos economia, ainda tinha alguma, mas muito menos e ao mesmo tempo você tinha que entrevistar gente... Jazzistas... o Ivo Montana, coisas que realmente valeram a pena. E políticos. Você ter também a possibilidade de alguma coisa acontecer, você liga pro ministro... Você é atendido pelo ministro, acaba sendo atendido. Tinha um status maior o Brasil na França do que tem nos Estados Unidos. Havia um interesse, uma simpatia, um certo... Fora o fato que Paris é Paris, como cidade... E, além disso, como se não bastasse tudo isso, eu ainda tinha 6 horas ao meu favor. Ou seja, em Nova York eu trabalhava contra o relógio. Eu sempre tava atrasado, eu estava sempre uma hora além, o que era chato. Em Paris não. Em Paris eu acordava, lia meus jornais, fazia minha pauta, se tivesse que marcar entrevista, marcava as três horas da tarde e ia passear, ia conhecer a cidade, andar a pé por ela, uma maravilha, porque te dava esse tempo. E quando eu estava em Paris, quer dizer, o que eu cobri de fatos internacionais foi o começo do fim da União Soviética. Os primeiros encontros do [Ronald] Reagan com o [Mikhail] Gorbachev em Genebra, em Reykjavik eu cobri esses encontros. Tem histórias interessantes, mas anedotas, ou seja, nada que... Eu quase, por pouco, não vou a Moscou depois, mas eu decidi não ir. Tinha, historicamente e profissionalmente, teria sido fantástico, eu teria pego o fim da União Soviética, o que num ponto de vista... Mas a essa altura eu tava pensando nas crianças. Eu tinha dois filhos, que estavam adolescentes nessa altura e ia enlouquecer essas crianças se eu ficasse: Nova York, Paris e depois Moscou, ia ser uma loucura, não dava e eu disse: “Não, é hora de voltar pro Brasil”. Eu volto pro Brasil... Em Paris eu fiz muita matéria de comportamento. As matérias repercutem muito quando você fala de você e da vida na cidade. As pessoas no fundo querem saber... Eu quando era menino, as pessoas queriam saber, por exemplo: “A sua cidade tem

bonde?” Porque cidade que tivesse bonde era boa. Cidade que não tivesse bonde, porcaria. Não tem nem gente pra ter bonde, então não serve. Na verdade o que os caras querem saber é se na cidade tem bonde. Eu via isso tanto em Nova York como em Paris. As matérias que interessavam os leitores não era a política local, não era a economia, afinal você está de saco cheio da sua economia, da sua política. A não ser que aconteçam coisas que extrapolem, pro exemplo, a queda do muro de Berlim, o fim da União Soviética, aí são fatos de grande história. Mas no resto, mesmo que você entreviste o presidente da França... “Ah, pô!”. Agora quando você fala do *Boujolet Nouveau*, no primeiro mês, no primeiro ano que o *Boujolet Nouveau* saiu e tem todo mundo tomando vinho, aquela maior festa em Paris, todo mundo está interessado. Quando você entrevista o Paul Bocuse, você tem a chance que só como jornalista você pode ter. Em Nova York, um dia eu comprei um disco, num sebo, tava assim: *Les Orgue de Barbarie*. *Orgue de Barbarie* é um realejo, um realejo que funciona por cartão perfurado. E to, roda a manivela e fica: “Paris é cheio” - Aqui sumiram os realejos. Nunca mais vi os realejos. E o Paul Bocuse é o maior colecionador mundial desses realejos. Eu descobri num disco em Nova York, mas aí olhei o disco e disse: “Isso daqui, não sei, isso daqui pode ser que um dia eu ainda vou conversar isso com o Bocuse”. Mudei pra Paris, dois anos depois, me esqueci completamente desse disco. Um dia, em Paris, estou arrumando as coisas e pego o disco e digo: “Oh! Eu to na França, o Paul Bocuse”. Pego o telefone e ligo pra Lyon, vem a secretária e digo: “Madame, eu queria fazer uma entrevista com o senhor Paul Bocuse. Eu sou do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, ele tem negócios lá, mas eu não quero falar de culinária. Até porque eu acho que Paul Bocuse e culinária é redundância. Não quero falar disso. Eu quero falar da coleção de realejos dele”. Aí a mulher disse: “Curioso. Eu estou aqui há anos e o senhor é o primeiro jornalista que fala nisso”. Aí eu disse pra senhora que ia verificar “Pois não, um momento” - isso era segunda feira - “O senhor pode estar aqui depois de amanhã?”. Se eu falasse de comida eu ia entrar numa fila de dez anos - “O senhor pode estar aqui depois de amanhã?”. “Posso, tranquilamente. Eu vou levar um fotógrafo”. “Então traga o fotógrafo. Mas por favor, o senhor esteja aqui depois de amanhã, às nove horas da manhã, na estação tal, ele vai estar lhe esperando”. Eu falei: “Tá bom, muito obrigado. Agradeça a ele”. Liguei pro Márcio Madeira, meu fotógrafo, que hoje está riquíssimo lá em Paris, monopolizou todo o mercado de moda no mundo inteiro, de fotografia, esse que é um empreendedor e disse: “Márcio, vamos pra coisa, amanhã, Bocuse, depois de amanhã”, “Ah, que maravilha!”. Saí da minha casa, coisa tranquila, peguei o metrô, fui até a *Gare de Lyon*, a estação, peguei o TGV [*train à grande vitesse*] nove horas da matina eu estava lá, estava o Bocuse na plataforma,

esperando, aí quando a gente chega, ele diz: "Vocês são meus convidados pro almoço". Eu até começo a matéria dizendo que a boa educação manda recusar, mas vai pro inferno a educação quando quem convida é o Paul Bocuse. Aí fomos pro restaurante. Quer dizer, não, o restaurante... Fomos primeiro, entramos numa espécie de Fiorino, ele foi fazer a feira "Vocês vão me desculpar, mas eu vou fazer a feira", "Imperdível". Bom, fomos à feira de Lyon e você imagina o que é o mercado de Lion e o mercado... Os fornecedores do Bocuse. Só tinha o melhor do melhor, porque ele, como todos esses chefs, a comida é feita de acordo com o que tem de bom no dia: qual é o peixe que tá bom; qual é a verdura que tá boa; qual é a carne que tá boa e em função disso ele vai decidir, você vai chegar lá e vai ter no máximo dez pratos à escolha pra você fazer, não é aquele cardápio que tem de tudo, *catch of the day*. Aí o Bocuse depois que fez isso nos levou pra visitar todos os realejos dele. Tem um, inclusive, que é num centro de convenções, um salão que ele tem que e um monstro de 20 metros por 5 de altura que sai bonequinho, toca fanfarra, faz o diabo a quatro e ele, que é extremamente midiático, fotografava mostrava, era a farra do fotógrafo. E finalmente fomos para o almoço, onde passamos quatro horas sentados na mesa – eu não aguentava mais, chegou uma hora que eu disse – porque era aquele "Traz isso, traz aquilo, traz não sei mais o que, traz o vinho, traz o conhaque e no restaurante de vez em quando ele levantava: "Dá licença". E ia lá, dava atenção a um, atenção a outro, a uns japoneses que fotogravam todos os pratos que comiam, que era uma coisa engraçadíssima e o pessoal todo achando que a gente devia ser alguma espécie de milionário absolutamente excêntricos porque nós assim, manga de camisa e tal, rindo com o Bocuse, trocando conversa com ele, dizendo paara ele... Ele contando para gente, ele fala da comida, eu e o Márcio Madeira pela comida italiana, dizendo assim: "Porque vocês aprenderam a cozinhar com os italianos. Foi Catarina de Médici que trouxe o refinamento culinário aqui pra cá. Porque antes era que nem aquele Asterix comendo javali." Ele disse; "É verdade, mas nós demos uma bela aperfeiçoada nisso". Aí fala da cozinha, como é que é para ele, fantástico. Quatro horas comendo com o Paul Bocuse, se pudesse imaginar e voltamos pra Paris, aquele troço e fiz a matéria. Isso eu to contando uma de tantas, só pra você ter idéia como é que era o tipo de coisa que a gente fazia. Eu me lembro uma vez – pra ver, por exemplo, como a gente maltrata o Rio de Janeiro – uma vez tinha uma exposição que era 50 anos da Ferrari. Um lugar chamado Jouy-en-Josas que é uma cidadezinha perto de Paris, num lugar chamado fundação Cartier. A Cartier. E nessa fundação Cartier tinha simplesmente 150 automóveis Ferrari em exposição. Em todos os sentidos, por exemplo, nos pátios assim, do castelo – era um castelo – que tinha assim, um jardim lindo, um caixote aberto, uma Ferrari 0km com um

balão em cima. E dentro, você entrava numa sala redonda assim, tinha todas as *Formula 1*, uma loucura, tinha tudo o que você podia imaginar, o chic do chic. Vou pegar minha credencial de imprensa, minha mulher de Chanel dos pés a cabeça. Colar de pérola duas voltas, *tailleur*, aquele negócio todo, chiquíssima a mocinha. Aí eu mostro assim e diz assim: "De onde o senhor é?" – "Jornal do Brasil" – "De onde" – "Rio de Janeiro", aí ele diz assim: "*Uh-la-la!* Rio de Janeiro! *Vous-avez de la chance!*", quer dizer, dizendo assim: Do Rio? Você tem sorte!". Eu quase fiz assim "Você quer trocar?". Mas você vê o absurdo que se faz com o Rio, a imagem que essa cidade tem lá fora. A imagem de fantasia. Uma das poucas cidades no mundo... Paris é outra, Veneza essas cidades que fazem sonhar. O Rio é isso e está sendo totalmente destruído. Pelo Brasil inteiro, diga-se de passagem. O governo daqui é uma porcaria, também foi destruída pelos militares que tinham ódio disso daqui. Mas enfim, só pra dizer como era em Paris, estou desviando o assunto. Passei em Paris até... Aí voltei para o Rio de Janeiro. Voltei para cá para ser editor nacional do *Jornal do Brasil*. Chico Mendes, essas coisas estavam acontecendo. Mas voltou a velha inquietação: o fato de que eu estava há tempo demais no jornal, eu não estava satisfeito. Além do mais, eu estava acostumado a ganhar em dólares e o salário aqui era uma meleca. Eu tava parecido com aquele negócio de diplomata que lá fora ganha bem e chega aqui é uma porcaria. E eu dizendo: "P... não é possível que seja esse o salário aqui". Um mês depois, mais ou menos, eu fui convidado pelo Alberico Souza Cruz para ir pra *TV Globo*, ser editor de ciência e tecnologia e topei por várias razões. Primeiro porque o salário era melhor, segundo porque eu estava cheio do *JB* [Jornal do Brasil] e terceiro porque era uma área que eu estava familiarizado, num certo sentido eu voltaria àquela medicina lá do começo. Fiz o *Globo Ciência*, o *Globo Ecologia* e era editor de rede, quer dizer, eu fazia programas de ciência pra redes toda, pros jornais de rede. O *Jornal Nacional*, o *Jornal da Globo*, o [jornal] *Hoje*. Passei um ano e pouco na *Globo* e gostei muito de trabalhar lá. Eu fiz algumas coisas interessantes, inclusive preparei... Essa meteorologia quem começou a preparar fui eu. Não tinha previsão do tempo na época. Era uma coisa pá pá pá e pronto. Nos Estados Unidos, na França é do jeito que é aqui: a mulher ia lá e fala e tal. É um pouco mais solto do que eu imaginei, mas a *Globo* é muito... Só que um ano e pouco depois, o que que acontece? Vem uma pessoa da França, um amigo que eu fiz na França, eu jamais tinha feito matéria sobre ele, nem nada, mas era o homem que comprou a ITT. Era o segundo homem da maior empresa de telecomunicações do mundo e me convida pra ser diretor de relações corporativas do grupo Alcatel-Lucent no Brasil, aí eu aceito, porque era um cavalo de tais proporções que eu não pude recusar, pelas vantagens, pelo que ganhava de dinheiro e trabalhei cinco anos na Alcatel. Mas

jornalista é meio maluco, eu tive uma recaída. Isso... Antes de ter a recaída e voltar pro jornalismo eu sofri um acidente, um aneurisma cerebral, fiquei 10 horas e meia na cirurgia, não teve nenhuma sequela e decidi voltar pro Rio – porque a esta altura eu estava em São Paulo – resolvi voltar para o Rio de Janeiro e fui trabalhar nas Fundações Roberto Marinho como superintendente de comunicação. Passei depois para *O Globo* como editor de opinião d'*O Globo*. *O Globo* me convidou pra ser... Não me interessou ser o editorialista chefe d'*O Globo* e também não me interessou ser correspondente em Paris outra vez, d'*O Globo*, até porque as condições eram piores do que a que eu tinha no *JB* alguns anos antes, meus filhos já estavam na universidade, não representava mais nenhuma novidade pra mim, portanto eu não estava mais afim de fazer essa mudança. Ora, duas recusas significa que no primeiro passarelho que teve eu dancei d'*O Globo*. E curti o meu primeiro período de desemprego até voltar ao *Jornal do Brasil* como editorialista. No jornal me interessava. Eu trabalhava com o Wilson Figueiredo que é uma figura fantástica, uma pessoa muito bom, bom nível... E fiquei no ano 2000... O editor era o Noenio Spínola. E o jornal, nas últimas, aquela coisa, morre ou não morre, atrasando pagamento e no ano 2000, pra minha surpresa, o Noenio me indica como sucessor dele quando ele vai embora e eu me vejo como diretor de redação do *Jornal do Brasil* e pra minha satisfação eu ainda dei muito trabalho ao *Globo*. Ganhamos dois prêmios Esso e foi, provavelmente, o último estertor do jornal como um... Porque hoje, quer dizer, o jornal é outra coisa, não tem... Eu nessa época comecei a dançar quando houve uma reunião em Angra dos Reis e o pessoal resolveu fazer um jornal que tinha que ser feito só chupando matéria da internet, com o mínimo possível de repórter, eu disse: "Não, isso é 171. Isso não funciona. Eu até faço se você me provar que existe um jornal assim no mundo. Me manda por aí, eu vou verificar. Se tiver alguém que faça eu estou disposto a fazer. Um jornal sério, um jornal que tenha a tradição do *Jornal do Brasil*". E nesse dia eu praticamente assinei minha sentença de morte, quando o [Nelson] Tanure comprou o jornal eu continuei ainda algum tempo como articulista, mas depois eu saí. Fui para Juiz de Fora, onde eu abri um jornal chamado *Panorama*, que tá lá até hoje, mas a proposta do dono era de caviar, mas no fundo ele tinha mortadela. "Quero um jornal de capital!". Abri um jornal de capital para ele, lindo, bonito, fantástico, peguei um dos grandes diagramadores do velho período áureo do *JB*, que é juizforano, estava lá. Chamei um monte de gente para trabalhar, esvaziei a concorrência e em 6 meses... 3 meses o cara tinha... Tava perdendo dinheiro, eu tinha dito pra ele: "Você quer abrir jornal, prepare-se para perder dinheiro. Porque jornal custa a se firmar. Não é assim". O cara de *USA Today* perdia a razão de 60 milhões de dólares por ano durante 10 anos, ele perdeu. Hoje é o jornal que mais

vende nos Estados Unidos, mas custou, porque pra você ganhar leitor é complicado. Com três meses ele estava pedindo penico, aí demite, não sei mais o que e eu falei: "Começa comigo". Voltei pro Rio, fiquei mais uma vez desempregado. Aí voltei pro *JB* [Jornal do Brasil], mas dessa vez só como articulista, como colunista. Fui trabalhar com o Ziraldo em *Bundas* e depois no *Pasquim 21* e depois eu abri um jornalzinho na internet, que está até hoje, chamado Montblaat, que é por substituição, é por assinatura. Eu devo ter 350, 400 assinantes e tô editando a *Revista Ferroviária*, que é a revista mais antiga do Brasil e que é uma revista que está fazendo 70 anos no ano que vem, circulação contínua, que tava morrendo. Por acaso o Gerson Toller, que é o dono da revista ele não sabia que eu... Me chamou, simplesmente, eu estava no mercado e não sabia que eu gostava de trem. Eu sou ferromodelista, eu faço coleção de pequenos trenszinhos, gosto de trem, me intresso por trem e foi uma surpresa. Nós refizemos a revista, ela hoje é uma revista pra ser vendida em banca, uma revista como as revistas de avião, porque era uma revista muito fechada, muito técnica, muito engenharia, trem, trem, trem, e hoje não, hoje o trem como uma coisa moderna, uma coisa desejável e está dando certo e é o que eu estou fazendo nesse exato momento. Estamos fechando a nossa edição de setembro e continuamos trabalhando porque brasileiro não se aposenta quando não tem emprego público, quando não trabalha em alguma empresa estatal ou quando não é político, tem um mandato de quatro anos e depois se aposenta ou quando... E eu não pedi "bolsa ditadura", mas podia ter pedido, fui processado, fui perseguido, deixei de ter emprego por causa disso na Fundação Osvaldo Cruz. Mas não acho certo, acho que é justo que as pessoas tenham indenização se elas foram torturadas, ou se elas foram mortas ou se desapareceram, acho que é justo indenizar as famílias, mas não consigo entender a aposentadoria especial, por exemplo, o Lula ganhar quase 5 mil reais porque passou um mês preso e bem tratado – diga-se de passagem – podia visitar a mãe e tem uma aposentadoria de 5 mil reais, enquanto o povo trabalhou a vida inteira, ralou e ganha 2, 3 salários mínimos. Isso daí eu não consigo entender. Acho que a indenização, ela vale em função do dano feito e, por exemplo, tem uma porção de jornalistas e o jornalista não pode alegar que a ditadura o prejudicou porque não houve caça às bruxas do jornalista, o Roberto Marinho protegeu seus comunistas, como diz ele, até porque ele dizia que comunista sabe fazer jornal: "Nos meus comunistas ninguém mexe!", como dizia, o *Jornal do Brasil*, comigo, você tem um exemplo, entrei no jornal como estagiário, estudante, estava sendo processado e o jornal me naturalizou e absolutamente jamais me impediu ou me censurou em que quer que fosse, então não houve... Pessoas perderam emprego, mas perdiam aqui, conseguiam ali, não houve isso.

Muita gente ganhou uma aposentadoria fantástica dizendo que se não tivesse a carreira interrompida teria chegado á direção de jornal. Eu cheguei à direção de jornal e minha aposentadoria é de mil e quinhentos reais por mês, coisa que é absolutamente impossível de alguém de classe média viver de uma forma decente, principalmente quem é jornalista e tem exigência de comprar livro, se manter atualizado, etc. Então o destino de nós todos aqui é trabalhar até o dia do nosso falecimento e tem mais: teremos sorte se a gente conseguir fazer isso. Porque a gente vive num negócio que a gente cada vez tem que trabalhar mais e o mercado de trabalho cada vez expulsa você cada vez mais cedo. Você começa a ficar caro, aí começa a ser substituído por estagiário, por um cara mais novo.